

PRAZER VERSUS DISCIPLINA ?  
UM ESTUDO SOBRE PROPOSTAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

Bc/9102515

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

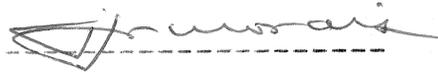
1990

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

PRAZER VERSUS DISCIPLINA ?  
UM ESTUDO SOBRE PROPOSTAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

Este exemplar corresponde à re-  
dação final da dissertação de-  
fendida por OSVALDO DALBERIO e  
aprovada pela comissão julgadora  
em 30/11/90

Data: 30/11/90

Assinatura: 

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE EM EDUCAÇÃO na área de concentração: Filosofia e História da Educação à comissão julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof Dr. João Francisco Regis de Moraes n.t

COMISSÃO JULGADORA

*Tramanda*  
*Tramanda*  
*Tramanda*

Gostaria de agradecer a todos quantos contribuíram para que esta dissertação fosse concluída. Em especial ao Prof<sup>o</sup> Dr. REGIS DE MORAIS, cuja orientação foi de valor inegável; à Gui, Bethe e Paula, amigas inesquecíveis. Enfim, às pessoas com as quais me relacionei direta ou indiretamente e que deram suas parcelas de contribuições.

Para MARIA CÉLIA, minha esposa; BRUNO E LUCAS, meus filhos, que se abstiveram, por várias vezes, da minha presença e estimularam-me, acreditando no meu trabalho.

Para meus pais JOSÉ DALBERIO e LUZIA BASSO DALBERIO, cuja base da minha história alicerçaram.

---

## RESUMO

1 - No primeiro capítulo é trabalhado o papel da filosofia enquanto abordagem filosófica do prazer na educação. É relevante observar que uma educação para o prazer não estando subsidiada pela reflexão filosófica não se sustenta enquanto proposta pedagógica. Há de destacar como resultado do processo educacional a cosmovisão e a aprendizagem pelo desejo de prazer, assim como o prazer pela ação filosófica dos envolvidos.

2 - O segundo capítulo trata sobre a dificuldade na aprendizagem e o prazer como superação dela. Foi feito um estudo sobre o pensamento educacional de ÉMILE CHARTIER (ALAIN). O resultado dessa ação educativa deve visar o "prazer maior", que de outra forma, é a solidificação da personalidade do aluno. A escola é responsável pela educação que enfatiza a imparcialidade do professor caracterizada como não-amor. A família de outro lado, é responsável pela proliferação do amor e da afetividade. Portanto, a aprendizagem pela dificuldade, feita na escola, deve visar o desenvolvimento gradual e sério do aluno, de forma que ele possa perceber o "prazer maior", pela superação da dificuldade.

3 - O terceiro capítulo retrata o prazer sendo a mola mestra da educação. RUBEM ALVES apresenta a necessidade de que o desejo de aprender tenha como resultado o prazer real, onde o aluno obtenha, através da experiência, a possibilidade de prazer em todos os seus atos, assim como em todas as circunstâncias existenciais. Portanto, o prazer deve estar presente no início, durante e no final do aprendizado.

4 - No quarto capítulo são colocadas as divergências e as convergências da pedagogia da dificuldade e da pedagogia do prazer. Ambas trabalham o prazer. A maneira como ele deve ser experienciado é divergente: Rubem Alves fala sobre a vivência integral do prazer e Alain fala sobre o prazer como coroamento do esforço e da superação das dificuldades no aprendizado.

5 - Na conclusão são apresentadas as circunstâncias pelas quais o prazer real e o prazer ideal são vividos e como decorre deles a "praxis" do prazer. O prazer real é caracterizado como vivência concreta do desejo em saber pelo prazer. Tal prazer deve ser viabilizado de forma que o aluno possa obter uma cosmovisão sadia e duradoura no que tange a sua personalidade. O prazer ideal é a forma pela qual o aluno atende à exigência da utilidade social da produção e do consumo. O aluno deve estar em consonância com os padrões estabelecidos capitalisticamente porque, é daí que decorre sua atuação social.

## SUMÁRIO

- RESUMO .....	08
- SUMÁRIO .....	10
- INTRODUÇÃO .....	12
- É POSSÍVEL FAZER UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA SOBRE O PRAZER NA EDUCAÇÃO .....	21
1 - Educação Para o Prazer .....	22
2 - Filosofia e o Prazer na Educação .....	28
- ÉMILE CHARTIER (ALAIN): O SABOR NO SABER	
1 - O Prazer Como Superação da Dificuldade .....	38
2 - Algumas Categorias Pedagógicas Importantes no Pensa- mento de ALAIN .....	41
2.1 - Estado de Homem .....	42
2.2 - Espírito Humano .....	43
2.3 - Disciplina .....	44
3 - A Escola e Suas Contribuições .....	46

- RUBEM ALVES: O SABER COM SABOR	
1 - O Aprendizado e o Prazer .....	59
2 - A Ciência e o Prazer .....	68
3 - O Método e o Prazer .....	73
- PEDAGOGIA DA DIFICULDADE E PEDAGOGIA DO PRAZER (DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS)	
1 - Características Divergenciais .....	80
2 - Características Convergentes .....	92
- ABORDAGEM CONCLUSIVA .....	101
1 - Educação - Prazer e Educação - Dificuldade .....	103
2 - Perspectivas Para a Pedagogia do Prazer e Para a Pe- dagogia da Dificuldade .....	113
- BIBLIOGRAFIA	
1 - Básica .....	121
2 - Complementar .....	121

## INTRODUÇÃO

### 1 - A escolha do assunto em tela neste texto

Diante da possibilidade de estudar um tanto sobre o prazer, encontrei uma alternativa que me proporcionou condições de fazê-lo em relação à educação. Por ser uma questão polêmica, debruicei-me sobre ela de forma a responder às minhas preocupações. Tais preocupações estão vinculadas a três aspectos que merecem minha atenção. Em um primeiro momento, como efetivar a educação para o prazer? Em um segundo momento, como é viabilizada a possibilidade das vivências de um prazer real e de um prazer ideal? Entendido por prazer real a forma pela qual o aluno pode obter prazer concreto através de uma educação para tal. O prazer ideal refere-se à forma pela qual é entendida a educação, na atual conjuntura educacional, a serviço da utilidade social do homem. No primeiro, adequa-se, o pensamento educacional de Rubem Alves, e, o segundo, o pensamento educacional de Alain. E, em outro momento, como educar os alunos para se abrirem a um prazer consistente dentro da infinidade de alternativas objetivas de prazer? São estas questões básicas que me propus investigar neste trabalho de dissertação.

Tive a oportunidade de levantar, ao longo desse período de pesquisa, várias possibilidades de tratamento do tema do prazer. Vários autores poderiam ser tomados para estudo e que atenderiam às minhas preocupações a respeito da questão do prazer na educação. Mas centrei forças, depois de muita leitura, e muita conversa com meu orientador, em apenas dois autores contemporâneos. A minha escolha se deu pelo fato de ambos tratarem do prazer de forma a atender à minha própria problemática. Não só por isso, mas, sobretudo, por virem ao encontro de uma questão antecedente ao mestrado. Em minha história educacional, sempre tive como ponto de partida e de chegada, a possibilidade de prazer a ser conquistada na aprendizagem. Nesse sentido, então, escolhi Émile Chartier, cujo pseudônimo foi Alain, porque ele trata a educação como dificuldade e o prazer como superação desta. Isto foi o que eu pessoalmente vivi ao longo de minha história educacional, nada mais justo, pensei, do que estudá-lo. O outro autor, Rubem Alves, foi escolhido pelo fato de eu ter tido, na graduação, contato com ele (em leituras e palestras) e perceber o sentido do prazer concreto (real) que ele prega. A maneira pela qual ele trata o prazer, o gozo, a satisfação, o desejo, não somente em conversas amistosas, palestras, mas também, nos seus escritos, sempre provocaram em mim um desejo de conhecer o seu pensamento mais profundamente.

Meu interesse não foi o de tomar toda a obra destes autores, mas restringir-me ao aspecto educacional, tão somente. Principalmente porque escolhi fazer mestrado em educa-

ção, e ambos trabalham bem este assunto. Por ter escolhido o magistério como profissão, percebi que este estudo favoreceria a descoberta de novos métodos e novas técnicas educacionais, sem contar que ampliaria meus conhecimentos. Parti do interesse acima citado e me predispus a estudá-lo, dando primazia à educação para o prazer. Não foi muito fácil esta escolha, visto que, durante o curso de mestrado com as regras anteriores, tive contato com professores e disciplinas diversas que pouco contribuíram para esta pesquisa em específico. Mas, apesar disto, consegui delinear os caminhos a serem seguidos após esforço concentrado de erros e acertos.

Tanto é verdade que apresentei para exame de seleção um projeto sobre educação do ponto de vista sartreano. Foi modificado substancialmente ao longo do curso. E, para o exame de qualificação foi apresentado outro, que também foi modificado integralmente. Por fim, acatei as críticas e as sugestões da banca e, em acordo com meu orientador, me propus a trabalhar. E aqui está o resultado desse processo de idas e vindas.

O meu problema não está somente no mestrado. É muito anterior a ele. A minha história educacional foi contruída acidentalmente. Quero, por isso, dar testemunho do esforço e da dedicação que se fizeram necessários para a conclusão do mestrado. A minha alfabetização iniciou-se em zona rural, por uma professora esforçada mas sem a devida habilitação. A segunda e terceira séries primárias foram feitas em escola pública na cidade de Conquista, no interior de Minas Gerais. Já a quar-

ta série primária foi cursada em escola estadual, no período noturno, na cidade de Uberaba (M.G.), e, por sinal, de nível precário. A admissão ao ginásial, em escola religiosa, também em Uberaba. Por razões financeiras da minha família, fui obrigado a interromper os estudos por um período de três anos e trabalhar em zona rural. Após este período, retomei os estudos cursando a quinta série do primeiro grau em período noturno, em Uberaba. Os anos que correspondem da sexta série do primeiro grau à primeira série do segundo grau também foram feitos em escola pública, só que na cidade de Sacramento, no interior de Minas. O Segundo e o terceiro anos de contabilidade foram cursados em escola particular, com o mais baixo nível visto por mim até hoje. Depois de tudo isso, entrei na PUCCAMP para cursar filosofia, via Igreja, como seminarista Redentorista. Estive a ponto de desistir por sentir extrema dificuldade nos estudos. Incentivado e apoiado pelos professores e pelos colegas, continuei. E, por fim, decidi fazer mestrado para responder e aprofundar várias questões que me ficaram sem uma resposta adequada e satisfatória. Não me foi fácil em hipótese alguma fazer esta caminhada educacional, mas valeu a pena tê-la caminhada. Pude fazer este trabalho porque, encontrando prazer em conhecer, fui seguindo os passos necessários em busca dos meus objetivos; é possível estudar, pelo prazer contido no próprio estudo.

## 2 - Explicitação do Tema

Foi com a intenção de conhecer profundamente o processo educacional, e como deriva dele a "praxis" do prazer ou da dor (entendida como dificuldade), que escolhi o tema do prazer na aprendizagem. Tentei enfatizar, ao longo deste trabalho, os pontos nevrálgicos sobre educação nos autores escolhidos. O objetivo aqui foi realizar a reflexão filosófica em torno da educação para o prazer. Observei que o homem, para ser útil a si mesmo, deve buscar conhecimentos. Nessa busca, a inter-relação de cosmovisões, em se tratando de professor e aluno, é de fundamental importância para a elaboração de tais conhecimentos.

Na elaboração de conhecimentos, o homem deve seguir pelo desejo tendo em vista o prazer. Significa que o prazer pode ser o sustentáculo da aprendizagem. O desenvolvimento cognitivo do homem acontece com maior intensidade quando é motivado pelo desejo. O desejo é a mola mestra que impulsiona o homem a obtenção do prazer. Por isso, o homem, sendo guiado pelo desejo de conhecer, não medirá esforço para tal, no processo de aprendizagem. Isso porque o prazer é para ele o objetivo maior. Segundo Alain, "o prazer maior" deve ser obtido como resultado da superação das dificuldades. A aprendizagem elaborada pelo desejo de conhecer proporciona ao homem a possibilidade de obter o prazer real. Tal prazer deve partir de coisas simples. A contemplação, segundo Rubem Alves, é uma ação que pode ser orientada para a obtenção do prazer. O homem deve contemplar as plantas, os peixes, os próprios homens, os céus, enfim, saber

observar sem interesse de possuí-los. Isto deve ser ensinado às crianças.

O assunto em pauta é de importância capital. Percebi, a partir de minha própria experiência como professor, que o sistema educacional não está indo na direção do prazer real. Ele está indo na direção de uma padronização dos impulsos humanos para a "utilidade social". Sensibilizado pelo desejo de prazer na educação, e vendo a urgente necessidade de discutí-lo, entendê-lo, e aplicá-lo, coloquei-me no processo de pesquisa. Até agora, pouca manifestação se fez a respeito do prazer na educação. Houve, sim, discussões a favor de um prazer ideal, mas não a favor do prazer real. O homem contemporâneo está impregnado de valores fabricados capitalisticamente, para atender às exigências sociais de produção e de consumo. O prazer nesse panorama tem seus limites; é substituído tão logo haja o consumo. A propaganda foi criada e está sendo aperfeiçoada de forma a proporcionar a percepção de um prazer diferente a cada momento. Nesse caso o prazer está ligado diretamente à moda. Alterando a oferta, altera a possibilidade de novos prazeres. Disto, podemos extrair a idéia de que o prazer não se sustenta por si só; êle nunca, ou quase nunca, é uma realização completa.

É aqui que eu coloco as minhas preocupações: Como despertar os alunos às possibilidades de prazer completo na educação? Como fazer para que o aluno, juntamente com o professor, possa obter prazer no atual quadro educacional? Respondendo às questões e tantas outras não mencionadas aqui, é que cheguei à seguinte postura: para o aluno sentir prazer e desenvolver a

inteligência e a sensibilidade, seu professor deve ser bastante criativo dentro da estrutura escolar onde estão co-relacionados. Por isso, a educação para o prazer não deve estar centrada na escola e, tampouco, no professor, mas direcionada ao aluno, de forma que este possa sentir o prazer e se comprometer com ele no presente e no futuro.

A tese central deste trabalho pode ser enunciada desta forma: a educação e, em especial a escolar, sendo subsidiada pela reflexão filosófica e sustentada pelo prazer real promove o aluno do conhecimento vulgar ao conhecimento científico, sem que as suas potencialidades humanas sejam minimizadas. Assim sendo, a sensibilidade e a cosmovisão sustentadas pelo prazer são características do aprendizado na educação para um prazer. De outra forma, posso dizer que a educação para o prazer deve ser viabilizada por todos aqueles envolvidos com a educação da criança. O aluno, experienciando o prazer real no aprendizado, será um homem cômico de seus limites e terá domínio destes. Só assim ele adquire sua maturidade humana, que nada mais é que a solidificação de sua personalidade.

### 3 - Tema e caminhos para a ele chegar

Definido o tema sobre o prazer e a dificuldade na educação, defini também o como de trabalhá-lo. Tal definição consiste em fazer uma utilização, conforme foi dito acima, dos textos básicos dos autores escolhidos. Em outros termos, foi feita uma pesquisa bibliográfica, tanto quanto uma pesquisa em

periódicos. Segui os passos da leitura interpretativa, da leitura analítica indo comparando os resultados para chegar às conclusões pessoais.

O tema que norteou o meu trabalho está ligado à maneira pela qual pude perceber as contribuições de tais autores. Em uma educação onde não se discute seriamente a problemática referente ao prazer, é de fundamental importância levantar esta questão. O tema estudado mostrou-me dois ângulos vitais da educação. Prazer no saber e prazer na superação das dificuldades de aprender. No primeiro aspecto, Rubem Alves é incisivo em afirmar que não se apreende coisa alguma sem que haja um interesse por ela. Ou seja, o desejo de aprender deve ser o ponto crucial da aprendizagem. No segundo aspecto, Alain é categórico em dizer que não se obtém prazer senão pela superação da dificuldade na aprendizagem. Em outras palavras, para Alain, o prazer não pode ser viabilizado no processo educacional porque o aluno que sente prazer no aprendizado não se envolve como o "prazer maior" que deve estar na superação das dificuldades. O importante em tais autores é que ambos discutem o prazer na educação, embora com pontos de vista diferentes.

Os autores, tratando sobre este tema, encontram-se em alguns pontos e têm divergências em outros. Rubem Alves fala do prazer no ato de aprender, durante o aprendizado e no resultado dele. De outra forma, posso dizer que o prazer deve ser vivenciado em todo o processo de aprendizado. Alain, por outro lado, diz da dificuldade no processo e, aí, o prazer não pode e não deve estar presente, mas, somente, no final do pro-

cesso. O prazer é o ponto que fundamenta a discussão de ambos; nisto eles se encontram. Este é o resultado a que cheguei ao fazer a comparação de suas concepções sobre o prazer na educação.

Esta pesquisa feita através dos procedimentos comparativo e triádico (1o. autor, 2o. autor e eu próprio) levou-me à posição de assumir responsabilmente a educação. As propostas dos autores despertaram em mim um compromisso sério com a educação para o prazer. Isso aconteceu graças às leituras dos livros e dos periódicos no sentido de compreender e interpretar o processo de aquisição de conhecimento através do prazer e da dificuldade, assim como suas conseqüências para a realidade existencial do aluno. E, mais ainda, auxiliar na sua auto-realização, bem como na sua auto-disciplina e no seu auto-conhecimento. É importante destacar ainda que o prazer, quando trabalhado responsabilmente tanto pelo professor quanto pela escola, proporciona ao aluno melhor configuração e consolidação de sua personalidade.

## É POSSÍVEL FAZER UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA SOBRE O PRAZER NA EDUCAÇÃO?

A educação escolar, para proporcionar conhecimento global ao aluno, deve ter como parâmetro a reflexão filosófica. E a reflexão filosófica, para ser expressiva, deve atender às necessidades humanas. Uma das necessidades que nos parece fundamental e pertinente a esta análise é a obtenção do prazer no processo educacional, acompanhado pela reflexão filosófica. Prazer, não no sentido sensorial apenas, mas, principalmente, uma realização pessoal buscada e vivenciada pelo aluno e pelo professor no processo de ensino-aprendizagem. A realização dos desejos suscitados pela própria carência humana e o vazio que o homem sente ao procurar a si mesmo encontram-se no prazer. É justamente no despertar para a busca de realização pessoal e preenchimento dessa lacuna natural do homem que se faz necessária a presença da filosofia enquanto "afrentamento, pelo homem, dos problemas que a realidade apresenta" (1). Problemas que são caracterizados pela necessidade, carência, desejo, angústia, desajuste (social, moral e sexual), vivenciados humanamente. Todos eles provocam no homem normal uma instabilidade emocional. Então, levando em conta o acima comentado, concluímos pela urgência de que se realize uma educação para o

(1) Demerval SAVIANI, *Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica*. p. 23

prazer.

A educação para o prazer, estando subsidiada pela filosofia, perpassa os caminhos complicados e de difícil acesso da cosmovisão. Por conseguinte, a percepção de mundo, elaborada pelo aluno, é própria de sua idade e de sua formação intelectual. As informações acumuladas em sua história educacional são limitadas, na maioria das vezes. Por outro lado, o professor carrega, certamente, em sua bagagem histórica, mais informações científicas e, por isso, assume o papel de professor. A moral, a religião, as concepções de prazer devem estar presentes na relação educacional. São problemas de cunho filosófico, que merecem uma reflexão profunda e séria. Para satisfazer a nossa preocupação, tentaremos analisar a educação, a filosofia, o prazer e a ligação, se é que existe, entre elas.

## 1 - Educação para o prazer

A Educação não pode estar desligada de uma realidade onde o aluno, juntamente com o professor, sinta-se envolvido na busca de sua humanidade. Se o aprendiz, que é carente por natureza, não buscar uma realização profunda e satisfatória para seus propósitos pessoais, então, o problema se complica, porque a importância cultural da educação diluir-se-ia em seu próprio itinerário. Cabe aqui retomar a afirmação de Olivier Reboul sobre educação. Diz-nos ele que educação é a "ação que permite a um ser humano, desenvolver suas aptidões física e intelectuais, assim como seus sentimentos sociais, estéticos e morais, com o fim de cumprir, tanto quanto possível, sua tarefa

de homem"(2). É bem verdade que essa tarefa é satisfeita na medida em que houver um interesse antecedente. Nós faremos justiça dando-lhe o nome de desejo. A vontade de satisfazer, através do aprendizado, as necessidades humanas, favorece a criação e aplicação de métodos pedagógicos adequados. O desejo satisfeito é prazer manifestado. Pode-se dizer que, na educação, o prazer foi conquistado quando houve o desejo em aprender, e esse desejo seguiu pelos caminhos pedagógicos até o conhecimento. E, assim, solidificou-se a apreensão intelectual ou assimilação da realidade, dando, em consequência, um sentimento de realização pessoal.

É necessário, segundo Rubem Alves, que se estimule o aluno à vivência do prazer, e que isso seja feito de forma a realizar o desejo. Prazer e desejo estão ligados intimamente. Sabendo-se que não há prazer sem desejo e que o prazer é a realização do desejo, pode-se levantar a problemática da "praxis" do prazer e do desejo em uma sociedade que privilegia a utilidade e o consumo. Aparece o problema, também relevante, da ideologia enquanto "falsa consciência", determinando a distinção entre prazer real e prazer ideal.

O desejo aqui é entendido por excitação que se faz através do ritual de conquista em relação a algum objeto desejado, que gera satisfação pessoal. Assim, a motivação ao conhecer é feita de forma a despertar a sensibilidade humana. Quando acionados os órgãos sensoriais do homem, excita-se o desejo pelo prazer imediato. E, quando se excita a sensibilidade de percepção racional, o prazer é mais duradouro, porque a memória

(2) Olivier REBOUL, *Filosofia da Educação*. p. 8

traz, sempre presente o que se conheceu. Isso feito, é motivo bastante para vivenciar o prazer prolongadamente; é um tipo de realização humana.

Na aprendizagem escolar ensina-se um desejo direcionado a um prazer correspondente. É de importância capital para a sociedade contemporânea essa atitude da escola, porque atende às exigências do utilitarismo pragmático. O homem não pode e não deve estar satisfeito completamente. A educação escolar, e não só ela, está encarregada, na maioria dos casos, de criar necessidades na medida em que as existentes forem satisfeitas. A educação se norteia, nesse parâmetro, por um prazer ideal, e não por um prazer real.

É imprescindível fazermos a distinção entre prazer ideal e prazer real, para prosseguirmos com nossa reflexão. O prazer ideal é entendido como realização momentânea dos desejos. Por isso, faz-se necessário explicar que tipo de interpretação pode advir daí. É um prazer que se obtém facilmente. Ele é sempre superado por outro de maior calibre, e gradativamente aparece uma nova fórmula para obtê-lo. Aqui, o padrão básico é a quantidade de prazer que se obtém durante a vida, e não a qualidade. Há todo um esquema de comunicação social estruturado, de forma que se criem novas necessidades para os homens, e as antigas sejam esquecidas. Eis, aí, a preocupação de uma sociedade que educa a população ao consumismo exacerbado.

Esse tipo de prazer buscado constantemente proporciona novas possibilidades para a sua realização. Conseqüentemente, forja-se um prazer momentâneo e que, uma vez reali-

zado, possibilita o surgimento de um novo desejo, de uma nova necessidade, gerando, por conseguinte, o consumismo, e aumentando-o gradativamente. Evidencia-se o jogo da busca de prazer "versus" realização de prazer. promulga-se um prazer criado a partir dos interesses humanos, e ele nem sempre é plenamente encontrado. Essa, a corrente hedonista, focaliza toda a vida na luz do prazer imediato. Usa-se de todos os artifícios disponíveis para experienciar uma satisfação imediata dos anseios, que é limitada por si só.

A idealidade do prazer consiste em não favorecer a realização plena e duradoura do desejo. Ou seja, na medida em que um desejo é satisfeito, cria-se outro, e assim sucessivamente. A própria organização social é feita para atender a este quesito. Portanto, "Convém situarmos os prazeres contemporâneos nas cadeias de ofertas e procuras, oportunidades e acasos, valores tradicionais, necessidades de sempre, inovações recentes, sonhos e utopias, mitologias, e não sem relação com a consciência do dever e a necessidade de trabalho"(3). Esta afirmação caracteriza bem o aspecto ideal de prazer.

Quanto ao prazer real, é imprescindível que analisemos as formas pelas quais o homem é educado para obtê-lo. "Educação e cultura condicionam a avaliação das sensações de prazer, dor, medo, ódio ou espanto"(4). Em se tratando de prazer real, é necessário que se criem novas formas para facilitar ao homem a incorporação dele em sua vida. A hierarquização do prazer é de fundamental importância para o homem. Sabemos disso,

(3) Hubert LEPARGNEUR. *Antropologia do Prazer*. p. 122

(4) Idem. .p. 123

e queremos salientar, desta forma, as mais simples e duradouras experiências de prazer, que consistem em saber encontrar o prazer em qualidade e não em uma escala de valores quantitativos. A procura do prazer é o desejo fomentado pela necessidade de vivenciá-lo. Essa procura, sendo vivida integralmente pelo homem, já é um bom início para a superação da carência, presente no desejo. "E o prazer simples consiste basicamente na sensação agradável que se tem quando a vida flui serenamente em harmonia com o ambiente"(5). Por isso, na medida em que o homem desejoso do prazer o procura, há a sua integração com o meio, acontecendo, assim, uma experiência real de prazer.

Faz-se necessária, pois, a criação de um conceito de prazer na educação, uma vez que, até aqui, temos abordado outro aspecto do assunto. E é isso que se pretende ao fazer esta análise. O prazer pode ser conquistado a partir de coisas simples, mas consistentes. O aluno, percebendo a importância das quatro operações matemáticas para a vida, sente-se confortado. Sempre as fará com prazer e satisfação, e até mesmo sentirá a necessidade de ensiná-las aos que não as sabem. Ou, então, aprender a ler e a escrever, é uma realização pessoal, portanto, conquista de sabedoria. Saber expressar através das letras, das palavras, das frases, seus pensamentos, é regozijo ao "ego" do aprendiz. Dizer aos outros que já se consegue falar do mundo é bastante gratificante e ao mesmo tempo estimulante. Ou, ainda, saber localizar o seu Estado no mapa "mundi", e, no mapa da sua cidade localizar a sua rua etc. Isso é realização de prazer

---

(5) Alexandre LOWEN. Prazer: Uma abordagem Criativa da Vida. p.18.

que freqüentemente passa despercebida pelos alunos e pelos professores. Está faltando o despertar da sensibilidade aos acontecimentos simples do cotidiano escolar.

Com o despertar do interesse pelo saber, o fenômeno conhecer é viabilizado. A inter-relação de pessoas com características próprias e voltadas ao único objetivo instiga a conquista do prazer real. A troca de experiências é importante entre professor e alunos. O interesse, que converge a um ponto em comum, aparece como protetor do prazer. Por um lado, há o professor possuidor de certa motivação para o conhecer da realidade que o cerca; de outro, há o aluno carente às vezes, dessa motivação. Para que no aluno a motivação seja despertada, é indispensável a presença do professor com as técnicas e os métodos pedagógicos. O professor pode fazer com que o aluno veja a importância de se alcançar um prazer, por mais simples que ele seja. O aluno, conhecendo a sua realidade, pode extrair dela aquilo que lhe causa satisfação. Conhecer para Erich Fromm, "significa penetrar através da superfície, a fim de chegar às raízes, e, por conseguinte, às causas; conhecer significa 'ver' a realidade em sua nudez"(6). Esse processo deve ser despertado no aluno, pelo professor. Através de seu próprio envolvimento com o saber, o aluno se prepara para efetuar a apreensão da realidade. É, entretanto, essa apreensão uma forma de se viver o prazer. Na medida em que se obtém a percepção da realidade, pode acontecer a "praxis" do prazer. Com a descoberta dos objetos que fazem o seu mundo, o aluno pode também dar os devi-

-----  
(6) Erich FROMM. *Ier\_ou\_Ser*. p. 56.

dos significados a tais objetos; com isso, conquista-se o conhecer que, por sua vez, gera prazer.

É importante despertar no aluno a motivação ao conhecer, porque, assim sendo, ele imergirá em sua própria realidade. Poderá perceber por si só as causas e as conseqüências do prazer em si e para si. Confirmando o que está posto, Olivier Reboul nos diz: "de tudo quanto constitui a humanidade - a linguagem e o pensamento, o sentimento, a arte, a moral, de tudo quanto a civilização levou milênios a constuir - nada passou para o organismo do recém-nascido; cumpre-lhe adquiri-lo pela educação"(7). Caracteriza-se, assim, uma justificativa, no sentido de ser a educação um processo de ensino-aprendizagem da realidade. É relevante perceber que, se essa educação é pautada na motivação ao conhecer, então, o aluno pode perceber-se inserido na busca de sua humanidade, e a imersão na humanidade é uma forma de se conquistar o prazer real.

## 2 - Filosofia e o prazer na educação

A filosofia tem por tarefa encontrar, na teia dos valores humanos, os problemas contidos nas questões cotidianas. Temos dois enfoques para explicá-la como tal. Um é o que nos possibilita entender a filosofia como um processo ou elaboração de idéias, filosofar, propriamente dito. O outro, é aquele que nos possibilita entender a filosofia como produto do filosofar, portanto, idéias elaboradas acerca do mundo humano. As

(7) Olivier REBOUL, Filosofia da Educação, p. 33/34

definições de filosofia são várias, na sua história. Tais definições nos fornecem raciocínios logicamente sistematizados, tanto da filosofia quanto do ato de filosofar. O entendimento da realidade, que nos cerca, deve ser feito com reflexões filosóficas. A diferenciação entre filosofia e filosofar é fundamental para nossa reflexão, pois dela decorre a análise do processo educacional. A pretensão, aqui, não é a de criar mais um conceito de filosofia, mas retomar os que já existem, elaborados historicamente pelos pensadores. Pretendemos, fundamentalmente, tabalhá-los de forma que expressemos filosoficamente a ligação entre filosofia e prazer no processo educacional. O problema se afigura como carente de uma solução, principalmente, no que tange à educação. A concepção que nos proporciona saber como acontece a vivência do prazer na educação é de relevada importância. Por isso, debruçar-nos-emos sobre ela durante o trabalho que ora fazemos.

O processo educacional é de vital importância para o homem. Através dele, o homem pode se encontrar no mundo e viver prazerosamente. O processo educacional pode lhe proporcionar esse fato, porque envolve alguns aspectos da racionalidade. A realização do desejo em saber está na busca de prazer real. Tentaremos incluir nessas idéias básicas uma reflexão filosófica, observando suas ligações internas.

Filosofia, etimologicamente, significa amor à sabedoria. Essa concepção é básica para nossa reflexão. Podemos extrair dela uma provável resposta, para satisfazer o nosso desejo de conhecimento sobre o prazer. A ligação do prazer com a

filosofia e com o aprendizado será nossa preocupação neste trabalho.

Em uma retrospectiva histórica percebemos, na história educacional, a evolução do filosofar e suas contribuições para o homem. Mas não é nossa intenção prioritária fazer esse tipo de trabalho. A prioridade aqui é perceber o prazer no processo educacional e como deriva dele a sua "praxis" educativa. Está claro que, para fazer esse exercício, devemos nos valer da filosofia, nos dois sentidos. Ora como processo, ora como produto. E é o que faremos.

A filosofia entendida como construção de idéias acerca da realidade humana nos possibilita entender a construção de idéias a respeito do prazer. O prazer é, também, além de uma experiência, uma idéia construída a partir de uma sensação corporal. Esta sensação de prazer faz parte integrante da realidade humana. Obviamente, nesta realidade, a filosofia, como elaboração de conhecimento, vincula-se ao processo de amadurecimento intelectual. A intelectualização na qual o homem se envolve, estando sustentada pela experiência do prazer na educação, pode ser subsidiada pelos raciocínios filosóficos. A vivência do prazer pode acontecer durante a aprendizagem ou após a assimilação de um dado conteúdo. A filosofia contribui com seus métodos de raciocínios para que entendamos esse evento. A justificativa é que os mecanismos educacionais do prazer estão no aprendizado e podem ser esclarecidos pela filosofia. O entendimento do prazer, portanto, se torna possível, porque é uma realidade humana que pode ser interpretada racionalmente.

Assim, podemos dizer que o prazer deve estar ligado ao desejo. Existem várias formas de dizer sobre o desejo. Escolhemos duas apenas: primeira, aquela que se refere ao impulso para o saber intelectual; e, segunda, aquela que se refere à vivência do prazer que o desejo proporciona corporalmente.

No primeiro caso, podemos dizer que o homem possui um impulso para o saber intelectual, sustentado no desejo de conhecer. O desenvolvimento intelectual humano vai se solidificando com a solidificação da personalidade. O homem, conhecendo seus limites, age dominando seus atos. Esse domínio consiste na interpretação dos fatos que o circundam. Pelo que se pode perceber, tais ações devem estar vinculadas à reflexão filosófica. Esta circunstância possibilita entender as reações internas de aprendizagem, através dos acontecimentos externos. A elaboração da linguagem, o nível de reflexão a respeito do mundo, a maneira como se expressa a condição humana, são manifestações objetivadas do espírito humano. Portanto, uso da intelectualidade. Por isso, o homem revela interesse de objetivar seus desejos, dando explicações para as ações internalizadas. O homem, buscando tais explicações, depara-se com dois aspectos da realidade.

Aquele pelo qual o comportamento pessoal é influenciado pelos acontecimentos. Em outros termos, o homem não está fora do mundo concreto. É parte integrante dele. As ações estão vinculadas ao seu contexto existencial. É importante salientar que o homem, nesse aspecto, não é totalmente determi-

nado pelos acontecimentos, mas apenas influenciado por eles.

Em outro aspecto, o homem está, em alguns casos, afastado do mundo concreto. Não fazendo parte dele diretamente, formaliza conceitos a seu respeito. Nesse caso, podemos colocar como exemplo os intelectuais de gabinete. Contudo, o impulso, que é fundamental ao homem, desempenha papel importante no que tange ao desejo. O desejo de saber é um impulso fundamental para a interpretação da realidade do homem. As interpretações da realidade esclarecem as possíveis posturas, a serem tomadas pelo homem.

A filosofia reflete sobre tal realidade. A reflexão filosófica séria desenvolve a intelectualidade do homem. Por isso, ele assume as próprias dimensões humanas de racionalidade. Os aspectos apresentados acima fazem o homem integrar-se ao seu meio. Essa integração torna-se mais consciente quando feita com o auxílio das reflexões filosóficas. Contudo, tais reflexões contribuem para a interpretação do homem, na correlação com o meio.

A segunda forma escolhida nos possibilita dizer que o desejo se refere à vivência do prazer corporalmente. Isto é, o organismo todo se envolve no desejo, que pode ter como resultado o prazer ou a dor. Dependendo da intensidade e da maneira como o homem se relaciona com o ambiente, ele pode "aproximar-se ou fugir dele"(8). A aproximação caracteriza-se como satisfação do organismo e, conseqüentemente, retorno à situação

(8) Rubem ALVES. Reflexão\_Nº\_13. p. 23.

prazerosa. A fuga, ao contrário, é sensação, dor, perturbação, conseqüentemente, abandono total da situação dolorosa. Daí, nossa preocupação com o processo educacional, principalmente em se tratando de desejo de aprender. Na medida em que o aluno sente o desejo de saber, e esse desejo é transformado em prazer, há o seu desenvolvimento intelectual.

O saber obtido pelo desejo de conhecer pode estar ligado ao ato de filosofar. O filosofar é um expediente utilizado, pelo homem, para obtenção de conhecimento. A filosofia (como processo e como produto), o prazer e o conhecimento devem estar interligados pelo desejo de saber. O saber, entendido como assimilação pelo sujeito conhecente, esbarra nos métodos pedagógicos utilizados. Há a necessidade humana, portanto, de avaliar filosoficamente os resultados do uso de tais métodos. Em outros termos, há a necessidade de compreender os fundamentos do aprendizado e dos métodos aplicados na aprendizagem. Observando tais elementos e percebendo como eles causam satisfação ao homem, podemos destacar como são capazes de produzir condições vivenciais do prazer, para o aluno. A busca dos fundamentos favorece ao homem um conhecimento amplo do fato educacional. Os raciocínios provindos desse exercício intelectual proporcionam conhecimentos, principalmente, dos métodos e das técnicas que revelam, ao homem, uma compreensão profunda de sua integração no processo educacional.

O homem tem necessidade natural de buscar uma satisfação que lhe preencha o vazio existencial. É capital a contribuição do filosofar para o entendimento, não só do desejo

humano de prazer, não só do prazer enquanto realização humana, não só como superação do desejo, mas também do desejo de prazer no conhecimento da própria condição de homem. No processo educacional, o desejo de conhecer gera, às vezes, prazer; nele, o filosofar, quase sempre, gera filosofia. E os métodos usados nele geram o conhecimento. O homem assume sua integridade humana, assumido tais características educacionais.

A filosofia contribui enormemente para a compreensão do fenômeno prazer, desde que colocada no seu devido lugar. Esse lugar vai ser delineado no contexto destas páginas que se seguem. Isso porque é ele uma de nossas questões fundamentais. E é justamente o que nos preocupa, tendo em vista a própria evolução e encadeamento de raciocínios, elaborados filosoficamente. Prender-nos-emos à problemática que coloca o prazer e a filosofia, enquanto amor à sabedoria, dentro do processo educacional. Do ângulo das reflexões filosóficas, podemos observar as conseqüências do prazer, tanto para o professor quanto para o aluno, e do contato destes com a filosofia. No ato de ensino-aprendizagem, o envolvimento do professor e do aluno na busca do prazer, através da excitação pelo desejo de conhecer, tem como resultado a apreensão da realidade. Rubem Alves foi feliz ao dizer que, em relação ao prazer, "o procedimento consiste em estabelecer o monopólio de prazer, de maneira que o homem aprende ser sempre possível obtê-lo desde que saiba como se relacionar com ele"(9). Desta forma ocorreria a realização do desejo na busca do prazer e, também, o conhecimento de

(9) Rubem ALVES. A\_Gestação\_do\_Futuro. p. 49.

como conviver com ele. Aqui, fica confirmado o que dissemos anteriormente: é necessário que o homem saiba vivenciar o prazer nas situações existenciais.

A relação que existe entre a filosofia, a sabedoria, e a educação, como " processo pelo qual aprendemos uma forma de humanidade"(10), está fundamentalmente na busca do prazer. A filosofia é a maneira pela qual obtemos um conhecimento global dos mecanismos humanos de interpretação. Através da inter-relação do homem com os conhecimentos cristalizados, podem-se elaborar, teoricamente, explicações acerca dos fundamentos educacionais, que geram tais conhecimentos. Tendo-se domínio das ações e reações humanas, é possível observar o processo educacional como fenômeno. A filosofia deve ser adscrita num mundo humano para que o próprio homem possa entender e explicar a consistência dos acontecimentos. Sabendo-se que o filosofar contribui para o aprofundamento das questões, levantam-se as problemáticas vultosas do prazer na educação. Cabe, então, à filosofia como processo, dirimir as dúvidas concernentes à educação. Em especial, com relação ao aspecto educacional, onde se privilegia um prazer ideal em detrimento do prazer real.

A filosofia é a parte teórica do processo, fundamentado em (leis, teorias e) idéias propostas como solução dos problemas humanos. A educação, enquanto processo, é a prática da teoria. As reflexões filosóficas a respeito da educação colocam o homem em contato direto com seu cotidiano e, por is-

(10) Rubem ALVES. Conversas Com Quem Gosta de Ensinar. p. 59.

so, ele o reinterpreta sempre. Desta forma, a educação real vai sendo estabelecida. Ela acontece se estiver subsidiada pelas análises e conclusões filosóficas. O aprendizado vinculado à vivência do aprendiz, e elaborado na perspectiva do prazer, deve estar, também, ligado às concepções filosóficas de mundo. Isso acontecendo, o aluno consegue se erguer do senso comum ao mundo estruturado intelectualmente pelos homens. Destacam-se aqui os grandes homens, não todo e qualquer homem. Basta que retomemos a história da humanidade e encontraremos tais homens.

Existem várias situações existenciais em que o prazer pode ser experienciado, mas nós permaneceremos na educacional. Ela é-nos uma questão de primazia, porque observamos que o homem contemporâneo está habituado a procurar prazer que se dissolve rapidamente. E isso nos preocupa. Para satisfazer essa preocupação, temos dois enfoques: Emile Chartier (Alain) defendendo um, e Rubem Alves defendendo o outro. O primeiro assegura a importância de se buscar o prazer, e não de o sentir imediatamente. Em outros termos, o prazer é a consequência do ato de aprender. A busca dele caracteriza-se por etapas vencidas ou dificuldades superadas. O saber é o prazer maior que o homem pode alcançar no processo educacional.

O segundo, Rubem Alves, enfoca o prazer como vivência do processo, além de experienciá-lo também, no conhecimento obtido. O prazer deve nortear os caminhos do saber. Para que isso aconteça, faz-se necessário que o professor se sinta envolvido, também, pelo desejo de saber e de ensinar. Juntos, professor e aluno, vivendo o prazer impulsionado pelo desejo,

cheguem a um saber real. Desta forma, eles podem desfrutar do conhecimento obtido e elaborado nas várias situações existenciais. O prazer em conhecer pode proporcionar ao homem entendimento das suas manifestações intelectuais e corporais.

Discutiremos, mais detalhadamente, cada enfoque a seguir. Procuraremos entender o prazer acontecendo no processo educacional e também na superação das dificuldades. Enfim, o entedimento das propostas pedagógicas de Rubem Alves e Émile Chartier (Alain).

## ÉMILE CHARTIER (ALAIN): O SABOR NO SABER

### I - O prazer como superação da dificuldade

Em seu livro : Propos Sur L'éducation, traduzido como Reflexões Sobre a Educação, Chartier faz reflexões sobre o aprendizado. Apresenta formas específicas pelas quais ele acontece. É um acontecimento de escola, de família e de convivência social. Entendido, este último, principalmente, como relacionamento fora da família. Faremos aqui uma análise, observando as características vitais da aprendizagem em cada um destes aspectos apresentados.

Encontramos, na pedagogia da dificuldade, a necessidade de que o professor, ao assumir o "metier de meneur d'hommes"(1) estimule o aluno à conquista do prazer maior, como meta de trabalho. Para que o aluno chegue a tal prazer, ele deve ser conduzido pelo professor à superação das dificuldades no processo de aprendizagem. Cabe ao professor a tarefa de provocar o interesse no aluno, para a percepção de si mesmo. Esse fato é imprescindível no processo para que a criança se torne homem, no verdadeiro sentido da palavra. Esse tornar-se homem caracterizado pelo domínio de seus próprios atos, e, por consequência

(1) Émile CHARTIER. Propos Sur L'éducation p. 13 "Ofício de condutor de homens"

guinte, por ser responsável pela humanidade dos outros seres humanos. Há de se iniciar a busca do prazer maior na escola, porque este é o verdadeiro local de experiências individuais e coletivas, em se tratando da intelectualidade e da humanidade.

Para Alain(2), "L'école est une société d'un certain genre, bien distincte de la famille, bien distincte aussi de la société des hommes, et qui a ses conditions et son organisation propre, comme aussi son culte et ses passions propres"(3). Faz-se necessário observar que a escola possui normas, e que elas provocam no aluno uma tomada de posição pessoal. A escola é o local privilegiado em que as crianças se juntam para realizar seus ritos de infância, seus jogos, enfim, suas próprias criancices. Tais normas de convivência são caracterizadas tanto pelo raciocínio do aluno quanto pelo poder exercido pela instituição escola. Por isso, o amor, que normalmente rege o relacionamento familiar, não se manifesta ou não pode, como frisa Alain, manifestar-se nesse tipo de relacionamento escolar. O importante é que o aprendizado seja elaborado pela dificuldade e não pelo amor.

Destaca-se, no ato de aprender, o fato de que a criança, num primeiro momento, imita, antes de aprender. Imita inicialmente, os pais. Posteriormente, seus pares mais próximos: irmãos, primos, colegas de rua, e, depois, seus colegas de

(2) Émile Chartier fazia questão de ser chamado de ALAIN, pseudônimo criado por ele mesmo.

(3) Idem. p. 42/43 - "a escola é uma sociedade de um determinado tipo, bem diferente da família, bem diferente também da sociedade dos homens, e que tem suas condições próprias, bem como seus cultos e suas paixões próprias".

escola. A criança, juntando-se às outras, imitando-as, forma, com elas, um povo governado por leis e regras próprias. O aprendizado acontece na criança após a imitação. Isso porque o aprendizado é o processo pelo qual o aluno assume sua individualidade com suas forças racionais. E, na escola, as crianças se encontram como crianças, para serem conduzidas, pelo professor, ao prazer do saber. Segundo posso concluir do pensamento de Alain, a organização pedagógica da escola é importante para conter os ânimos juvenis e conduzi-los ao verdadeiro saber.

No processo de aprendizagem, o aluno convive com as dificuldades inerentes ao aprendizado. Não se apreende facilmente um conteúdo; antes, porém, deve passar pelos exercícios que são próprios desse fato. Entendemos, aqui, por assimilação a integração que o homem faz da realidade através de uma linguagem. Na medida em que assimila um fato qualquer, há possibilidade de relacioná-lo com outros, ainda não assimilados, e isso proporciona condições para que o sujeito conhecente também os assimile, ao tempo e à hora. É o resultado de um processo de interligação entre o fato memorizado com outros não apreendidos ainda que gera assimilação. O aprendizado que gera prazer, para Alain, é aquele que foi conduzido com dificuldade. A assimilação se dá como resultado de exercícios contínuos, portanto, dificuldades. O prazer maior está, conforme Alain, acima de nossa cabeça, ou seja, só após a superação das dificuldades é que podemos usufruir do sabor no saber.

Segundo Alain, existe sempre um prazer maior para se conquistar. Ele, o prazer, deve ser o impulsor do interesse

ao conhecimento e à assimilação. Ter conhecimento, não só dos acontecimentos históricos, políticos, científicos, religiosos, mas, principalmente, dos próprios limites enquanto homem é que tem importância. Em outros termos, o conhecimento acumulado no aluno contribui para que ele possa sentir prazer de perceber a sua própria condição de homem. Alain está denominando a isso de conquista da personalidade. Ao atingi-la, o aluno pode viver intensamente o prazer de ser homem maduro, ter domínio de seus atos e conseqüências decorrentes deles.

Para ser homem maduro, segundo Alain, é necessário que se tenham apreendido (assimilado) os grandes fatos históricos, e, mais que isto, assimilado o espírito deles. Quando o homem está em condições de fazer esse exercício, ele pode obter prazer, porque atingiu auto-disciplina. E, por conseguinte, sabe o valor do prazer obtido.

## 2- Algumas categorias pedagógicas importantes no pensamento de Émile Chartier

Reservamos este espaço do nosso trabalho para apresentar as categorias do pensamento de Alain que se referem ao ato educacional. Não faremos, obviamente, simples colocação, mas teceremos comentários, quando cabíveis a cada uma delas. Podemos destacar que ambas estão subsidiando a idéia básica do autor: o aprendizado à custa da dificuldade é mais sólido do que aquele elaborado pelo prazer.

## 2.1 - Estado de homem.

Alain caracteriza esse estado como o ápice do processo educacional. Ou seja, quando o aluno assume sua maturidade integralmente, ele pode perceber que já não é mais uma criança e que seus interesses não correspondem à ambição própria de criança. "L'homme fait doit se dire qu'il est en un sens moins raisonnable et mains sérieux que l'enfant"(4). A criança se educa pela "admiração" e pela "veneração", e a "virilidade" consiste em já ter ultrapassado tais sentimentos. A riqueza humana da disciplina pessoal é o resultado desse fato. É óbvio que o homem, para atingir sua maturidade, deve, antes de tudo, ser criança e viver intensamente, como tal, seu mundo, junto com seu povo. O estado de homem pode ser descrito, segundo Alain, com o seguinte enunciado: é momento existencial em que o homem assume seus limites de forma a reconhecer sua maturidade no relacionamento com a criança. Em outros termos, é o momento que atingiu: auto-afirmação, auto-segurança, auto-disciplina, auto-conhecimento. O autor é categórico em dizer que "o adulto não pode nunca brincar com as crianças", deve, antes, ser reservado na relação com elas. Porque, por mais que tentemos nos aproximar da infância, estaremos equivocados quanto ao nosso ato. Vamos além daquilo de que ela é capaz, ou seja, colocamo-nos como criança abaixo da criança e somos vistos como ridículos intrusos em seu mundo infantil. Ser homem maduro é estar no mundo destinado à seriedade, à maturidade, à disciplina, às

-----  
(4) Op. Cit. p. 17 - "o homem feito deve reconhecer que é em certo sentido menos razoável e menos sério que a criança".

leis sociais e, mais ainda, estar convicto de que se é adulto.

## 2.2 - Espírito humano

Para Alain, o espírito humano está adscrito em todo o homem através da cultura. E a natureza humana está inscrita no homem e em todo o homem; portanto, imutável no principal. O ser humano é elaboração e também conquista da própria humanidade. Elaboração, porque os grandes homens, com suas respectivas cosmovisões, não estavam desligados de sua realidade social específica. E a maneira própria de dizê-la é correspondente à sua formação. A criatividade do clássico está na maneira como ele diz a sua realidade. Em sua formação, estão também seus limites. Inseridos nos escritos legados à posteridade, estão seus limites e sua criatividade. Daí, a necessidade de buscarmos, através da boa leitura, esse espírito, contidos nos belos textos, deixados para que também nós façamos tal exercício. Faz-se necessário um estudo sério, da seriedade do próprio estudo, que nossos antepassados fizeram. Nisto consiste o espírito humano no inter-relacionamento do professor com o aluno e deste em contato com o pensamento humano que propicia aos pensadores serem constantemente retomados como manifestação de uma época.

Alain diz "qu'un bon esprit est un esprit ferme"(5), e que o espírito humano é alcançado quando o homem é instruído nas fontes. Por isso, o trabalho educacional é tarefa difícil, e só alguns se propõem fazê-lo. Isso é feito com a super-

(5) Op. Cit. p. 63 - "que um bom espírito é um espírito firme".

ração das dificuldades que lhes são próprias. Quanto à firmeza do espírito, o autor se refere ao problema de que o homem é tão inteligente quanto o quer. O homem deve vislumbrar o prazer maior como superação das dificuldades imediatas, e não um prazer no momento da aprendizagem. Uma vez conscientes de que é importante o estudo dos pensadores para a incorporação do espírito humano, é possível ao homem perceber como meta a formação da personalidade. Na medida em que se percebe o espírito humano, é possível perceber o prazer maior advindo do aprendizado. É, de outro modo, "commémorer c'est faire revivre ce qu'il y a de grand dans les morts, et les plus grands morts"(6).

### 2.3 - Disciplina

Segundo Alain, a disciplina pessoal está basicamente ligada à maneira como o aluno apreende o espírito da humanidade. Ele, o aluno, deve seguir métodos adequados que consistem em: "Lire et relire; réciter; encore mieux écrire, non point vite, mais au contraire avec la précaution d'un graveur; tracer de belles marges sur un beau cahier; copier des formules pleines, équilibrées, belles, voilà le travail heureux, assoupli, qui fait le nid pour l'idée. Il y a une gymnastique de l'écriture, qui est visible dans la forme et le tracé, et qui est un signe de la culture; mais d'abord une con-

-----  
(6) Op. Cit. p. 176 - "Comemorar, fazer reviver o que existe de grande nos mortos, e nos maiores mortos".

dition de culture"(7). Esses exercícios favorecem a disciplina pessoal, que é difícil no início, mas que será leve para o homem adulto. Daí, podemos chegar à idéia de que o homem disciplinado, através da superação das etapas na maturação, é um ser que sabe trabalhar. Sabe-se integrado na humanidade toda. Homem disciplinado é aquele que consegue passar do jogo à ciência; seguir seu próprio raciocínio; estudar sem esforço, porque "L'étude sera un repos et une joie"(8) ao fazê-lo. Alain, diz "dès que l'homme, selon un mot fameux, peut plus qu'il ne sait, il choisit le pouvoir et laisse le savoir"(9), podemos aventar o enunciado: desde que o homem sabe mais do que pode, escolhe o saber e deixa o poder. Esse é o aspecto fundamental da disciplina, ou seja, sabe o que é melhor para assumir pessoalmente. Além do mais, um homem disciplinado é um homem que pode ter domínio de si mesmo naquilo que faz. Conhece seus limites como ninguém e sabe orientá-los de forma a conseguir um prazer maior. Tal prazer, já o dissemos, é entendido como conquista da personalidade. Portanto, na medida em que conhece seus limites, sabe-se disciplinado.

-----

(7) Op. Cit. p. 140 - "Ler e reler; recitar; melhor ainda escrever, não depressa, mas, pelo contrário, com a preocupação de um gravador; traçar belas margens, em belo caderno; copiar fórmulas cheias, equilibradas, belas, eis aí o trabalho feliz, leve, que faz o ninho para a idéia. Existe uma ginástica da escrita, visível na forma e no traço, e que é um sinal da cultura, mas, inicialmente, uma condição de cultura".

(8) Op. Cit. p. 6 - "o estudo será um repouso e uma alegria".

(9) Op. Cit. p. 161 - "desde que um homem, segundo um dito famoso, pode mais do que sabe, escolhe o poder e deixa o saber".

### 3 - A escola e suas contribuições

A escola é, segundo Alain, possuidora de uma realidade composta de regras que favorecem o encontro do povo criança. Esse encontro é concretizado pelo relacionamento que privilegia a força do raciocínio, a força do cálculo e a força do saber. Esses elementos vão possibilitando, no processo da aprendizagem, condições para que os alunos formem, em seu mundo escolar, o povo criança. E o professor é aquele que, com sua experiência acumulada, dá ao aluno alta idéia para ser alcançada, dadas as condições citadas.

O que se deve destacar como proporcionadora de tais condições é a existência do mestre-escola, com sua segurança diante dos alunos. Os alunos estão em uma situação escolar, onde o amor não se conta. Este é, por outro lado, o condutor do relacionamento familiar. Na relação do professor com os alunos deve existir a imparcialidade do professor. Tal fato consiste em ter, o educador, objetivos próprios no que tange ao aprendizado. A imparcialidade é evidenciada pelo fato de o aluno não saber - e, segundo Alain, não o pode saber - quais os objetivos fundamentais e pessoais do professor no aprendizado. Caso o professor deixe transparecer seus objetivos pessoais, aos seus alunos, estes tomariam o fato como leviandade daquele e fariam aparecer a indisciplina: força da própria idade. Quando acontece esse episódio, " Le maître agit ainsi qu'une force physique, directement opposée au désordre"(10) e obterá resulta-

-----  
(10) Op. Cit. p. 35 - "o mestre age com uma força física, diretamente oposta à desordem".

dos imediatos; e, se assim não o fizer, será o caos. O professor é responsável pela vivência organizada dos alunos na escola e em sala de aula. E a escola também deve proporcionar tal fato. A escola é, por assim dizer, o local propício para os alunos, na comunhão etária, se encontrarem em seu mundo criança. Entretanto, ao professor cabe a tarefa de condizí-los ao mundo adulto, da melhor forma possível.

Dois aspectos são indispensáveis: primeiro, que o professor seja capaz de perceber que o aluno quer aprender, mas sente dificuldades em instruir-se; segundo, que os alunos sejam levados à superação das dificuldades em favor de um prazer maior. Segundo Alain, o prazer dado imediatamente é prejudicial a qualquer idade. Por isso o professor deve preocupar-se, principalmente, em aproximar-se daqueles alunos com maior dificuldade e dar-lhes os instrumentos que são necessários, de forma que, por si sós, eles sejam capazes de superar os empecilhos. O importante nesse caso é que o professor não proporcione um prazer imediato, mas mostre como conseguiu-lo, através da superação das dificuldades, na aprendizagem. Ao fazer isto, o aluno sentirá interesse pelo prazer maior e superará suas carências com ajuda do professor.

Podemos dizer, conforme Alain, que, em decorrência desse fato, o aluno obtém certa disciplina pessoal. Ele conquista, a partir da superação das dificuldades, sua humanidade, que é, de outra forma, o conhecimento de sua personalidade. Esse conhecer não é mecânico, mas criativo, ou seja, a personalidade é o resultado de sucessivos erros e acertos. Para

Alain, a personalidade é solidificada na medida em que o aluno amadurece e adquire uma auto-disciplina.

A contribuição do professor, principalmente no que se refere à preparação do espírito jovem para a conquista do prazer, é de fundamental importância. Significa que o professor deve preparar as suas aulas de forma que os alunos trabalhem e ele fique à disposição para resolver as dúvidas que porventura surgirem. Para preparar tais aulas, ele deve buscar o conhecimento nos clássicos do pensamento; não somente se basear nas verdades atuais, pois estas não estão ainda petrificadas na história humana. Nisto consiste também toda humanidade.

O professor deve estar liberado do trabalho fatigante da preparação das aulas, assim, também, como de ministrar aulas expositivas, em que os alunos serão envolvidos pela boa fluência de raciocínios e pela argumentação lógica, mas esquecerão em tempo muito breve. Nesse caso, só o professor trabalha, e o aluno é simplesmente receptivo. Segundo Alain, com esse tipo de aula, o aluno memoriza fragmentos de verdades. Além de acontecer assim, um outro problema é verificado, no máximo ele se lembrará, muito vagamente, do conteúdo dessa aula, por oito dias e após quinze dias, nada mais restará daquela agradável aula.

Para se evitar esse distúrbio na aprendizagem, o professor deve exercer um controle não só da classe, mas do conteúdo a ser ensinado. O controle da classe é diretamente proporcional ao método utilizado na transmissão de conhecimentos. Se o professor estiver ocupado em apresentar aos alunos somente

aquilo que apreendeu em seus estudos, está fazendo um trabalho de pouca relevância. Deve, sim, saber, por experiência, como é o prazer, para poder instruir os alunos à conquista dele. Sabemos, graças a Alain, que, como consequência das dificuldades enfrentadas e superadas, obtém-se um prazer maior que é, de outra forma, a disciplina pessoal. Faz-se necessário observar que a arte de instruir as crianças "... est à graduer les épreuves et à mesurer les efforts; car la grande affaire est de donner à l'enfant une haute idée de sa puissance, et de la soutenir par des victoires"(11) Uma vez feito dessa forma, o aluno, torna-se capaz de buscar o prazer maior, como reconhecimento de sua própria personalidade. A experiência do prazer consiste, fundamentalmente, em que se tenha uma disciplina, e, em função dela, auto-segurança.

A aprendizagem na escola segundo Alain, caracteriza-se, não somente pela relação do professor com os alunos. É importante também, o recinto escolar ser organizado de tal forma que não haja nas paredes figuras, cartazes, mapas e outros instrumentos, que possibilitem aos alunos a desatenção ou desvio de concentração. Deve existir na escola, um jardim onde os educandos possam perceber a natureza e perceberem-se a si mesmos como natureza. O aluno deve ser capaz de integrar o racional culturalmente elaborado ao natural entendido como natureza.

-----

(11) Op. Cit. p. 9/10 - "consiste em graduar as provas e em medir os esforços; porque a grande tarefa (do professor) é dar à criança uma elevada idéia de seu poder e cultivá-la pelas vitórias".

A responsabilidade por esse tipo de formação intelectual do aluno está a cargo do professor. Em outros termos, ele deve ser suficientemente capaz de exercer o ofício de professor. E isso consiste em conduzir o aluno a um estado de confiança em si mesmo, em que ele próprio se perceba como homem. Não só ter confiança, mas se perceber integrado na humanidade. As contribuições da escola, do professor e dos companheiros, fazem com que o aluno possa elaborar sua própria personalidade e conseguir, a partir da superação das dificuldades, o prazer maior.

Além do fato segundo o qual o professor exerce o papel social de ensinante, deve haver métodos adequados que possibilitem a busca do prazer no saber. Significa, pois, que a superação das dificuldades no processo gera satisfação. "Les vraies problèmes sont d'abord amers à goûter; le plaisir viendra à ceux qui auront vaincu l'amertume"(12). O aluno, no ato de aprender, coloca-se como desafiado graças ao trabalho do professor. Esse é um ponto importante a ser destacado na pedagogia da dificuldade. O aluno é colocado frente a impasses, e são eles de valores inestimáveis para o aluno, em se tratando da conquista de si mesmo. É no processo que o aluno, diante da dificuldade em assimilar uma dada realidade, enfrenta a si próprio e aos outros. Na escola, é fácil a aplicação desse método, porque são utilizados os números. Segundo Alain, os números são

-----

(12) Op. Cit. p. 9 - "os verdadeiros problemas são inicialmente amargos de gosto; o prazer virá para aqueles que vencerem o amargor".

exatos e são, por conseguinte, cruéis. No uso deles, o aluno sente a crueldade presente, porque os erros são punidos sem remorso pelos próprios números. São cruéis com relação ao aprendizado. Qualquer erro cometido no raciocínio, ou no cálculo, é imediatamente apresentado ao aluno, e este não se sente revoltado, ou constrangido diante de seus colegas, porque não é a punição do professor ou da escola que se manifesta, mas, sim, dos próprios números. Eles próprios, ou seja, os números, mostram que o prazer não é facilmente obtido. Portanto, o professor, ao exercer seu ofício, deve ser suficientemente capaz para deixar que a dificuldade seja superada gradualmente pelo próprio aluno; assim como os números apresentam os erros ao aluno, o professor também deve fazê-lo. Só dessa forma o aluno elabora sua auto-disciplina.

No processo de superação da dificuldade, o aluno deve ser capaz de vencer o tédio da abstração. Tal abstração é caracterizada, por Alain, como sendo o momento em que o aluno está absorto em raciocínios matemáticos. Mais especificamente, no exercício da geometria. Vence-se o tédio na medida em que percebe o sentido fundamental desse exercício. Ou seja, o aluno observa que o espírito humano está presente e lhe possibilita um prazer maior. Podemos dizer, então, que o aluno se torna capaz de aplicar à cultura do espírito os princípios norteadores da personalidade. Alain é categórico ao enunciar que "l'homme ne compte que par ce qu'il obtient de lui-même selon la méthode sévère; et ceux qui refusent la méthode sévère ne vaudront já-

mais rien"(13). A importância que ele dá ao método severo consiste em estabelecer as formas de se vencer a animalidade e se introjetar na humanidade. A escola exerce uma função importantíssima quando faz esse trabalho. Ela não somente é responsável pelo desenvolvimento intelectual do aluno, mas, principalmente, por dar-lhe uma verdadeira imagem do homem. Muita vez, a criança vem à escola com uma linguagem que não corresponde à gramática oficial. O que a criança conhece é o necessário apenas para a sua sobrevivência. A escola substitui ou aprimora tal linguagem, dando possibilidades à criança para que ela seja integrada ao espírito científico defendido e difundido pelos grandes homens. Esse é um exercício difícil, e, por isso mesmo, o aluno deve se interessar pelo que é difícil. Vencendo a dificuldade, encontrará o prazer. O trabalho, segundo Alain, que se inicia com dificuldade, tende à realização com satisfação, do seu executor. A educação, enquanto desenvolvimento intelectual do aluno, não deixa de ser um trabalho em busca do saber. O saber conquistado, a partir da superação da dificuldade, gera como consequência uma satisfação, uma alegria, que estão intrínsecas ao prazer.

A escola, responsável pela conquista de tal prazer, proporciona, tanto ao professor quanto ao aluno, a possibilidade de vivenciá-lo. No recinto escolar estão interligadas a história pessoal do professor, responsável pelo ensino-aprendizagem, e a história pessoal do aluno, passível de ser

(13) Op. Cit. p.11 - "o homem só tem importância pelo que obtém de si segundo o método severo; e aqueles que recusam o método severo nunca valerão nada".

responsável pelo seu próprio aprendizado. O professor, instigando o aluno ao trabalho sério, faz com que ele se descubra envolvido no propósito de realização de suas potencialidades. Tendo como base para o crescimento o espírito da humanidade, extraído dos pensadores clássicos, há a possibilidade de se fazer um confronto entre o passado, o presente e o futuro. A escola é, todavia, a viabilização desse fato.

A escola é, por assim dizer, o local onde há o encontro do passado-atualizado (através do estudo dos clássicos) e o presente-em-construção. Sabemos que o futuro não pode ser abandonado nesse ínterim. É em função dele que estudamos o passado, viabilizamos o presente e planejamos caminhos e metas a alcançar. Também há o confronto de gerações, onde deve prevalecer a conquista humana como verdade. Esta verdade deve estar direcionada ao prazer maior, isto é, à posse da humanidade contida na superação das dificuldades e encontro da personalidade, pelo próprio aluno.

A escola é encarregada pela organização das informações obtidas, sistematicamente, pelo aluno. Isso não exclui o papel educativo da família que é "... l'école du sentiment; ici jouent le dévouement, la confiance, l'admiration; les garçons imitent le père, et les filles imitent la mère, chacun étant protecteur à la fois et protégé vénéré et vénérant"(14). O autor é categórico em dizer que "la famille instuit mal et

-----

(14) Op. Cit. p. 22 - "a escola dos sentimentos; aqui, movimentam-se o devotamento, a confiança, a admiração; os meninos imitam o pai, as meninas imitam a mãe".

même éleve mal"(15). Primeiramente, porque a criança está colocada em uma situação de idades diferentes, e, conseqüentemente, está fora do seu mundo natural. O mundo do povo criança só se naturaliza na escola onde há a reunião das crianças da mesma idade. Segundo, porque a criança na família, conforme já mencionamos anteriormente, é governada pelo afeto, pelo amor. O pai que se atreve a ensinar o filho incorre em erros graves. Não sabe obedecer ao limite máximo de exigência. Isto porque estando entusiasmado, exige do filho, além do programado. O filho vê extrapolada sua capacidade de interesse, pois lhe é exigido além do que é capaz. Portanto, perde o interesse, e esse ensino não progride. Esse acontecimento não favorece o desenvolvimento sistemático e cronologicamente organizado das atividades assimilativas do filho. E, por outro lado, o pai, ao punir seu filho, está punindo a si mesmo, porque ele é a causa do erro do filho.

Essa realidade familiar entra em confronto com a situação da escola. Na família, o relacionamento é efetuado pela afetividade entre seus integrantes. Na escola, o relacionamento é pautado pela seriedade e a frieza dos números, dos cálculos, da organização interna, "... par cette cloche et par ce maitre sans coeur"(16). Na família, a criança não recebe uma instrução suficiente para alcançar o prazer maior. Cabe, então, à escola, essa tarefa. O professor é um instrumento direto, valendo-se da excitação e do desejo ao prazer maior. O aluno deve procurá-lo por si só, enquanto que o professor não deve dá-lo

(15) Op. Cit. p.23 - "a família instrui mal e mesmo educa mal".  
(16) Op. Cit. p.23 - "pelo sino e por este mestre sem coração".

facilmente, mas instigar o aluno a procurá-lo, como superação da dificuldade.

Ao que foi falado até agora, podemos acrescentar mais algumas idéias referentes ao processo educacional como superação da dificuldade e procura do prazer real. O prazer maior, quando compreendido pelo aluno, passa a ser motivação de sua tarefa, na busca da verdade. É necessário que, no processo de formação do caráter, seja utilizada a inteligência, e esta esteja em conexão com a natureza humana.

A formação do caráter corresponde ao exercício de apreensão que se desenvolve a partir do interesse pessoal, de cada homem, em busca da verdade. Conhecer o caráter é saber observar a imagem de si mesmo que esconde atrás dos seus atos. Em cada ação humana está contida a maneira própria de perceber o caráter, como tal. A virtude ou não do homem, tem "... mème couleur que ses cheveux, et de mème pli"(17). Este trabalho de percepção dos próprios limites deve ser feito com o aluno. Graças à superação das etapas no aprendizado, é possível ao professor trazer o aluno do mundo de criança e colocá-lo no do povo adulto. Não simplesmente colocá-lo, mas lhe proporcionar condições para assumir, com responsabilidade, enquanto homem feito, a disciplina que se faz necessária a esse fato. O caráter interliga a "... politesse dans le sens le plus étendu, et

-----

(17) Op. Cit. p. 60 - "a mesma cor dos cabelos, e as mesmas ondulações".

l'éducation à proprement parler"(18) com o prazer maior, que é o aprimoramento da inteligência.

Para Alain, a inteligência está caracterizada como possibilidade de cada um ser justamente tão inteligente quanto o quer. Ele afirma ainda que se é inteligente na medida em que houver o interesse pessoal. Em função de tal interesse, há o desenvolvimento do caráter. Assim, ser inteligente é forçar-se para sê-lo. Nesse processo de desenvolvimento intelectual, faz-se necessário que se estude ou pelo menos que se tenha contato com algumas áreas do saber. É relevante a importância da geometria, da aritmética, do latim (entendido como estudo das grandes obras e estudo de toda poesia humana), o desenho, a ginástica, a música, a gramática, a ortografia etc. Para conhecê-las, o aluno deve ter um trabalho sério, e a própria seriedade da escola contribui para isso. O ofício do mestre é fundamentalmente o de fazer o aluno sentir o peso da dificuldade através de uma disciplina rígida, mas consistente. Só assim, o aluno torna-se capaz de possuir caráter e inteligência.

A educação escolar exerce uma função básica na formação da personalidade humana. O aprendiz, conhecendo a realidade e expressando-a de forma objetiva e clara, efetua a inserção do conceito ao fato. Ao agir assim, está impregnado de teoria, cuja função é adequar o "... simple et abstrait vers le

-----

(18) Op. Cit. p. 66 - "polidez no mais amplo sentido e a educação propriamente dita".

concret et individuel"(19). Para o aluno o real é concreto, porque ele o percebe através dos órgãos dos sentidos e isso não deixa de ser uma maneira simples de apreensão. O conceito sobre o real vai sendo elaborado na medida em que o aluno, na escola, recebe as informações e desenvolve seu pensar. Pensar, para Alain, é o exercício mental que o homem faz "... rassemblant l'expérience, l'imagination, et le raisonnement en chacune de ses démarches"(20). O autor faz uma distinção entre raciocinar e pensar. Raciocinar é o ato mecânico feito pela geometria, onde o instrumento utilizado é a matemática. Enquanto o raciocínio se prende a um ato mecânico, o pensar engloba-o no conjunto de elementos da experiência e da imaginação.

O autor, em estudo, apresenta uma série de contribuições ao referir-se ao ato de ensino-aprendizagem. Há de se evidenciar o enfoque pelo qual o prazer é observado como conquista de auto-afirmação, pelo aluno. Salienta, ainda, a importância para o aluno, no processo de se fazer homem: do pensar, do saber ler, do saber escrever, do saber caminhar sozinho pela disciplina pessoal e do saber buscar o prazer maior nas dificuldades superadas. São destacáveis, também, os atributos dados à escola e ao mestre-escola. Todos estes elementos contribuem para que o aluno possa buscar, na raiz da humanidade, seus princípios vitais.

----- Na medida em que o homem atinge uma possibili-

(19) Op. Cit. p. 79 - "o simples e o abstrato ao concreto e individual".

(20) Op. Cit. p. 165 - "reunindo a experiência, a imaginação e o raciocínio em cada uma de suas fases".

dade de uma disciplina pessoal, elabora sua maturidade e pode extrair um prazer maior como resultado de dificuldades superadas. Pois "etre cultivé c'est, em chaque ordre, remonter à la source et boire dans le creux de sa main, non point dans une coupe empruntée"(21). O homem se encontra como tal, quando percebe, por meio da educação, sua humanidade sustentada nos seus antepassados.

Para que o aluno se sinta integrado ao seu mundo adulto, deve passar por um processo educacional. Se este processo visar tão somente a obtenção de possibilidades para se vivenciar um prazer sólido, já é suficiente. A evolução da capacidade humana depende, em grande parte, da maneira como foi trabalhada a disciplina pessoal. E, para Alain, esta capacidade está vinculada a inter-relação de cosmovisões que gera, conseqüentemente, a maturidade no aluno. Tal fato expressa a experiência do professor e de todo seu conhecimento servindo como base do ensino. Mas, nesse parâmetro, o aluno também traz uma experiência e um conhecimento que, mesmo restritos e imperfeitos, não deixam de contribuir para que haja um progresso para a maturidade. Portanto, o homem só é adulto quando pode saborear o prazer total na superação das dificuldades. O exercício da disciplina pessoal faz parte desse processo e é o ápice dele. Nisto consistem alguns tópicos principais do pensamento educacional de émilie Chartier (Alain).

-----

(21) Op. Cit. p. 114 - "ser culto é subir à fonte e beber na concha da mão, não em um cálice emprestado".

## RUBEM ALVES: O SABER COM SABOR

### 1 - O Aprendizado e o Prazer

Várias correntes de pensamento falam sobre o prazer. Cada qual a seu modo evidencia a maneira própria e específica de vivenciá-lo. Não é nossa pretensão descrever cada maneira aqui. O interesse que se nos apresenta como prioritário é tomar por base o pensamento de Rubem Alves e, nele, descobrir os argumentos de suas teorias do prazer. E, em específico, como o prazer aparece e solidifica no processo educacional. A grande questão que nos propomos pesquisar pode ser enunciada assim: é possível observar, no pensamento de Rubem Alves, a pedagogia do prazer?

Para responder a esta questão, pretendemos fazer uma caminhada, destacando os temas-chaves nos quais Rubem Alves faz uma discussão profunda sobre o corpo. Apresenta ele um aspecto segundo o qual o corpo humano luta pela sobrevivência biológica e social. Tal sobrevivência é estruturada, de um lado, pelo prazer e pela dor, e de outro, pela capacidade racional do homem. Nesse campo de interpretação aparece como destaque a cultura, que é a elaboração social dos valores essenciais para a vida humana, podendo ser subdividida como manifestação da linguagem, dos mitos, das ideologias, das alienações. Para que se concretize a organização da cultura é importante a pre-

sença da educação informal e da educação formal. Também é pertinente a essa discussão fazermos referência ao processo educacional no qual o professor e o aluno devem sentir o desejo pela busca e vivência imediata da prazer (conf. E.Q.G.E. p. 105-108)\*

Para vivenciar o prazer, não basta apenas, que se conheça intelectivamente a realidade. É vital que o corpo esteja inserido mais diretamente, no próprio conhecimento dela. O corpo, em contato direto com os objetos, pode vivenciar o desejo impulsionado na base da alegria e da felicidade. O conhecimento teórico contribui para que o homem, enquanto corpo, observe-se no mundo.

As manifestações corporais são trabalhadas ideologicamente para atender à exigência do sistema em vigor. As vibrações orgânicas, ou seja, os impulsos naturais do corpo, tal como a fome, a sede, o desejo de sexo, o sono etc., estão sob a direção educativa, a serviço da cultura predominante. (conf. E.Q.G.E.p.79). O objetivo da educação é colocar organizadamente tais vibrações de forma que haja momentos adequados para realizá-las. Às vezes, nem sempre isso é possível graças ao sistema

-----  
\* Os textos citados neste capítulo virão com estas abreviaturas

- e com suas respectivas páginas:
- C.C.Q.G.E. - Conversas Com Quem Gosta de Ensinar
  - Q.R. - O Que Religião
  - E.Q.G.E. - Estória de Quem Gosta de Ensinar
  - F.C. - Filosofia da Ciência
  - N.I.S.L. - Notas Introdutórias Sobre Linguagem
  - G.F. - A Gestação do Futuro
  - P.P.Q. - Pesquisa: Para Quê?

sócio-político-econômico. Assim sendo, o corpo se retesa, na maioria dos casos, e não se expressa espontaneamente. O que há, efetivamente, é uma forte repressão do corpo, em favor da cultura apreendida socialmente. O corpo é entendido aqui como produto da educação cultural. Esta educação está, na maioria das vezes, ligada à utilidade social, ou seja, o homem é tanto mais homem quanto mais útil for à sociedade. Em nome de uma ciência moderna composta de métodos e técnicas apropriadas e avançadas, forma-se o corpo. (conf. E.Q.G.E. P.101-105). Conseqüentemente, o corpo do homem está sendo educado para perceber e viver a sua humanidade, em harmonia com a organização das instituições sociais; não para obter prazer na utilização do próprio corpo.

Para Rubem Alves, o prazer deve estar presente no processo de aprendizagem e, também, no resultado dele. Não há apreensão daquilo pelo que não haja interesse. O saber que se pode obter está diretamente ligado ao envolvimento pessoal do educador e do educando, no ato de conhecer a realidade. (conf. E.Q.G.E. p.106).

Podem ser encontradas, no pensamento de Rubem Alves, algumas expressões que configuram a propagação do saber enquanto necessidade vital do homem. Ao referir-se à educação, o autor adverte: "todos sabem que o objetivo da educação (contemporânea) é executar a terrível transformação: fazer com que as crianças se esqueçam do desejo de prazer que mora nos corpos selvagens, para transformá-los em patos domesticados, que bamboleiam ao ritmo da utilidade social" (E.Q.G.E.p.103). Para acontecer a transformação de selvagem a domesticado, o aluno é

inserido na escola. Esta, por sua vez, tem como meta organizar as informações colhidas assistemática e sistematicamente. Para inserir o aluno no mundo da linguagem escolar, devemos lembrar, é óbvio, que existe um tipo de aprendizado assistemático, anteriormente elaborado. Tal aprendizado acontece através das relações sociais efetivadas na família, no convívio social, e que são diferentes, em alguns aspectos, daquilo que se manifesta na escola. A escola é encarregada de organizar tais informações de forma a atender às exigências educativas. Por isso, na escola, "busca-se levar o indivíduo a aceitar voluntariamente as regras do jogo social, instruindo-o no conhecimento que o tornará um 'cidadão útil'"(conf. C.C.Q.G.E.p.86). Dentro dessa exigência encontram-se duas formas de reconhecer o aprendizado. Uma é a existência do educador, e a outra, a existência do professor.

Os primeiros, os educadores, passam a existir em razão das necessidades da relação humana, enquanto os professores surgem em razão da utilidade social. A existência de ambos depende da estrutura educacional na qual estão, e pela qual foram formados. " Seria possível, então, compreender que a polaridade entre educadores e professores não instaura uma dicotomia entre duas classes de pessoas, uma inexistente e heróica, outra existente e vulgar, mas, antes, uma dialética que nos racha a todos, pelo meio, porque todos somos educadores e professores, águias e carneiros, profetas e sacerdotes, reprimidos e repressores"(conf. C.Q.G.E.p.19).

O homem, segundo Alves, para possuir uma cosmo-

visão, carece de ter poder sobre a natureza, e esse poder caracteriza-se pela linguagem, que, em última análise, é uma técnica cultural. A educação é promovida essencialmente pela utilização da linguagem. A maneira pela qual se experiencia e se vivencia o mundo é a maneira pela qual se entende, através da educação, esse mesmo mundo e se fala sobre ele. (conf. C.C.G. E.p.29). O professor, tendo como base a utilidade social, transmite aos alunos, por intermédio da linguagem, sua percepção de mundo. É, em quase todos os casos, uma maneira de expressar os objetivos que se pretenderam na utilidade social.

A aprendizagem real e verdadeira se dá com "a transformação de uma experiência que se poderia perder no passado (em) uma ferramenta para conquistar o futuro" (conf. N.I.S. L. p.22). As escolas modernas são organizadas "para que as crianças esqueçam dos seus próprios corpos, e aprendam o mundo que os adultos lhes impõem" (conf. E.Q.G.E. p107). Os valores falados e ensinados aos homens estão inscritos na humanidade assim como o espírito humano está em todo homem e em cada homem. Faz-se necessário, todavia, que haja valores sócio-político-econômicos para o ensino. A importância dada à quantidade de informações educativas é superior à dada à qualidade do próprio ensino. Daí a implantação e fomentação dos valores na educação. Valores que não priorizam o homem em todas as dimensões, mas, efetivamente, na produção objetiva que se pode obter no uso indiscriminado do corpo, para todos os efeitos. Para tanto, é utilizada a educação escolar onde a linguagem dá as coordenadas para o ensino, e, assim, o homem, corpo e intelecto, é educado

para os valores sociais.

Os valores que são atribuídos ao prazer, pela estrutura social, têm ligação com a transformação das crianças em "adultos produtos" (Conf. E.Q.G.E. p.103). Significa que, em acordo com esse esquema de educação, o homem procura viver os prazeres ideais e não os prazeres reais. A diferença entre estes está centrada, basicamente, na forma pela qual se vivem tais prazeres. Os prazeres ideais são aqueles elaborados para que o homem possa vivê-los, segundo a concepção social que lhe é ensinada: o prazer do lucro, o prazer de se possuir bem, o prazer de poder exercer o domínio sobre os homens, enfim, o prazer de se ter alguma relação dominante, seja ela material ou espiritual. Os prazeres reais são aqueles que partem da própria necessidade de sobrevivência. São simples e imediatos: a contemplação da natureza, o cheiro do sexo, o soltar pipas, o sentir o paladar dos alimentos, das bebidas, o sono tranquilo, o fazer nada. Enfim, é isto que proporciona ao homem perceber-se num processo de interação homem/natureza (conf. Q.R. p.18/19).

Esses valores são fundamentados em uma linguagem. Eles fazem do homem, através da educação, um ser capaz de viver intensamente o prazer. A capacidade de vivenciá-lo deve ser despertada no aluno. Rubem Alves insiste na necessidade de que se "...reinstale na escola a linguagem do amor, para que as crianças redescubram a alegria de viver" (conf. E.Q.G.E. p.105) e o prazer de se perceberem como seres humanos.

Para que o aluno viva o prazer real e não o ideal, é importante a presença do educador. O educador, sendo

um homem integrado e identificado com o exercício do magistério, facilita ao aluno a possibilidade de vivenciá-lo. Isto, graças ao fato de o educador viver o prazer integralmente e com amor. O educador é peça básica de um jogo de prazer, de amor, de lazer, onde o homem é capaz de se perceber como humano. Enfim, perceber-se como um ser que tenha sonhos, utopias, esperanças, desejos. O prazer, nesse sentido, é caracterizado pela realização do interesse pessoal ou coletivo. O próprio educador, sentindo prazer, abre espaços para que, além de ele próprio senti-lo, a criança possa observar, com gosto e satisfação, a viabilidade do sabor no saber.

Há, de outro modo, o professor exercendo um trabalho com o aluno, incitando-o ao saber pela utilidade social. O que realmente carece de ser feito é o resgate do educador, perdido no emaranhado de ideologias que visam um prazer ideal. O autor em estudo diz que "o discurso da escola ficou, progressivamente, como algo solto no ar, que não se liga, pelo desejo, nem aos que fazem de conta que ensinam, nem aos que fazem de conta que aprendem"(Conf. C.C.Q.G.E. p.25). O que se faz urgente e necessário é um reestudo do papel da escola e uma readaptação de objetivos e métodos para se viver o desejo e o prazer pedidos pelo desejo.

O discurso escolar, impregnado de objetos e objetivos específicos, tende a transformar as crianças em "adultos produtivos". Significa que os trabalhadores do ensino estão imersos em um mercado de idéias. Esse mercado de idéias deve ser reestruturado de forma que os alunos possam sentir o desejo

e o prazer no próprio processo de aprendizagem. Coisa, até então, pouquíssimo proporcionada.

Nesse particular, o educador adormece no sono do passado. É válido observar que o educador dorme no interior de cada professor e carece de ser despertado, urgentemente. Aqui nos deparamos com uma problemática bastante séria. Como despertar o educador, se o sistema educacional não vê a possibilidade de fazê-lo? O professor assume o lugar do educador porque não é importante o trabalho realizado pelo amor e com amor; o fundamental é vender idéias, sejam elas substanciais ou não. Para isso, o professor preenche o seu horário com conteúdos diversos (principalmente em escolas públicas do primeiro, do segundo grau e algumas escolas particulares a nível de graduação e, até, de pós-graduação), não se preocupando com a qualidade do que ensina. É o adiamento do prazer em saber. É óbvio que quem não o sente não sabe ensiná-lo (Conf. C.C.Q.G.E. p. 9-30)

Como possível solução para esse impasse, podemos aventar a hipótese do ensino da filosofia. Ela poderá contribuir para o desvelamento e desmascaramento das ideologias, entendidas como falsa consciência. Faz-se necessário que o filosofar não esteja a serviço da ideologia dominante, mas que assuma a sua principal função de buscar a objetividade dos fatos. Para Alves, "a filosofia é uma atividade que se dedica a questionar os cenários, as estruturas categoriais, os pressupostos comumente aceitos sem exame" (Conf. C.C.Q.G.E. p. 91). Frequentemente, é observado que a estrutura educacional está posta de uma forma hierárquica, e que a função da filosofia perde seu

potencial, frente às modernas técnicas de ensino. O lugar da filosofia, no amontoado de propostas pedagógicas, deve ser recuperado para que o educador assuma o papel de professor. Esse fato pode promover um auto-reconhecimento do educador, adormecido no professor. Nesse parâmetro, o homem que está sendo educado pode se perceber produtor de sua própria educação. "Em relação à educação, compete à filosofia fazer as perguntas embaraçosas acerca das ilusões e das ideologias da educação" (Conf. C.C.Q.G.E. p.94). O homem, educado nesse panorama filosófico, valoriza como possibilidade de construção de si próprio o envolvimento com a vivência cotidiana e a busca incessante do prazer real. O envolvimento com tal realidade possibilita ao homem entender o valor de sua existência e os objetivos no saber com sabor. Esta deve ser a função da filosofia no processo educacional.

A filosofia deve resgatar o homem integralmente. Pois suas dimensões biológicas e racionais foram desviadas do verdadeiro significado humano. O resgate pode acontecer na medida em que o educando se percebe na inter-relação com o meio educacional proporcionador de prazer. Esta proposta é pautada em uma pedagogia séria com características de ludicidade. O lúdico, na aprendizagem, se faz presente, quando o professor assumir seu papel de educador de homens. Para tanto, deve-se utilizar de uma linguagem adequada e, de métodos com técnicas de ludicidade. (Conf. E.Q.G.E. p.106/107). A seriedade racional, manifestada no lúdico (Conf. G.F. p.95/107), é ponto de destaque no pensamento de Rubem Alves. Afirma o autor: "o corpo só

retém os conceitos que funcionam como extensões de si mesmo ou que tenham uma função lúdica: eficácia e prazer"(Conf. E.Q.G.E. p. 46). A existência e agilização de uma reflexão filosófica sobre as pedagogias devem priorizar o prazer no processo de ensino-aprendizagem.

## 2 - A Ciência e o Prazer

Rubem Alves também faz alusão à importância da ciência no processo educacional, no sentido de valorizar o homem como instrumento social. A ciência está subjugada a uma forma de sobrevivência, não somente do corpo do homem, enquanto busca de prazer real, mas, sobretudo, da sociedade enquanto promotora de prazer ideal. O homem, há muito, saboreia a relação com a natureza e consigo mesmo, que é entendida pelo prazer da contemplação. Entretanto, a presença da ciência fez com que "ao prazer da contemplação se (juntasse) a volúpia da magia"(Conf. E.Q.G.E. p.28) E no mundo mágico da ciência foi veiculado o prazer em sentido estrito da utilidade social. Neste mundo dá-se prioridade ao econômico, gerando lucro; à luta de classes sociais, gerando a alienação; à política da especialização, gerando aglomeração de cientistas. Tal aglomeração é constituída por uma linguagem própria e específica (Conf.P.P.Q.). Há interesse dos cientistas em dizerem a verdade e desdizerem a experiência do prazer no contato direto do homem com a natureza(biológica e humana). O que importa mesmo é o conhecimento

que se pode obter nessa relação (homem-natureza), e não o prazer por ele vivenciado. Esse é um dos aspectos ideológicos da ciência. O que se faz necessário é analisar isto por outro ponto de vista, ou seja, como a ciência proporciona um prazer ao homem. A educação viabiliza este fenômeno se, e somente se os pesquisadores da educação também se convencerem disto. Segundo Rubem Alves, os pesquisadores científicos devem se preocupar com o para quem e não com o para quê da pesquisa. (Conf. P.P.Q.) Assim sendo, a ciência atenderá ao seu papel ético e não apenas ao aspecto metodológico e epistemológico que lhe são exigidos hoje. As ciências pedagógicas, por exemplo, por serem também instrumentos de alienação, a serviço do Estado, podem exercer uma função importante no que diz respeito à recuperação do desejo de prazer. Cabe, então, uma reestruturação metodológica, além de ética, da estrutura educacional. Falaremos sobre isso no último capítulo deste trabalho.

A questão, mencionada várias vezes neste texto, a respeito da utilidade social é colocada como suporte ideológico da educação. Entretanto, o autor insiste em que "a aprendizagem seja uma extensão progressiva do corpo, que vai crescendo, inchando, não apenas em seu poder de compreender e de conviver com a natureza, mas em sua capacidade para sentir o prazer, o prazer da contemplação da natureza, o fascínio perante os céus estrelados, a sensibilidade tátil entre as coisas que nos tocam, o prazer da fala, o prazer da comida, da música, do fazer nada, do riso, da piada... Afinal, (...) é para isto que vivemos, o puro prazer de estar vivos" (Conf. E.Q.G.E.p. 105/106).

Falando de outra forma, a ciência (seriedade dos adultos) é capaz de provocar conhecimentos a partir de risos, piadas, alegrias, desde que, utilizadas as categorias filosóficas, aplicadas à postura sisuda dos cientistas. A criatividade dos cientistas estaria mais aguçada se pudéssemos inverter o esquema. Explicando melhor: a criança, para chegar ao mundo dos adultos, deve passar, quase sempre, pela escola, aprender por etapas os valores, cuja utilidade social determina o que é certo e o que é errado. No final do caminho, ela se fecha no mundo do conhecimento científico. Cabe, então o inverso: o cientista, com sua linguagem carregada de verdades científicas, deve sair do seu mundo, perceber a linguagem do lúdico e voltar os olhos para as realidades que têm finalidades em si mesmas. Ou seja, colocar os valores eternos e imutáveis sob o jogo do desejo e do prazer. O cientista sério e sisudo em suas invenções deve tomar o lugar e o espaço da criança que brinca sem se preocupar com as verdades obtidas pelo brinquedo. A ciência pode ser caracterizada por métodos nos quais a prioridade fundamental se apóia nos valores humanos mais profundos: sabor de saber a realidade sob o ponto de vista do amor, do jogo, do desejo (Conf. C.C.Q.G.E. p. 81/88).

Não estamos denegrindo a importância social das descobertas científicas. O que está em discussão é a função do cientista, entendida socialmente como produção do conhecimento. Podemos observar, em tal fato, que a ideologia está centrada nos valores metodológicos e epistemológicos, e não no valor ético. O cientista se preocupa com o fazer algo em favor de uma

classe social determinante do poder. Por isso, ele, o cientista, é tido por homem conhecedor e elaborador de verdades acerca do homem e do mundo. "O cientista virou um mito (...). Se existe uma classe especializada em pensar de maneira correta (o cientista), os outros indivíduos são liberados da obrigação de pensar, e podem simplesmente fazer o que os cientistas mandam" (Conf. F.C. p.11). Alves discute, também, o conhecimento produzido, dizendo que ele "é permitido, exigido, pago, subvencionado, comprado, por certa sociedade, porque tal conhecimento lhe é útil, isto é, pode ser transformado nos tipos de poder que tal sociedade específica requer" (Conf. P.P.Q. p. 36). É importante, todavia, que o cientista se perceba também como homem envolvido no social, e não apenas como instrumento de ideologias dominantes. Para isso acontecer, as escolas que os formam devem ser reestruturadas, não só no que se refere aos seus objetivos, mas, também, aos seus métodos de ensino.

Outro aspecto, também, ainda dentro dessa discussão, é que o cientista não fala clara e objetivamente de forma que seja entendido. A linguagem utilizada pelo homem de ciência carrega em seu interior a carga das verdades científicas, e, por conseguinte, o homem comum não a compreende. Graças a isto é justificado o fato de o pesquisador não transmitir os resultados de sua pesquisa aos pesquisados, mas somente aos parceiros pesquisadores.

Os dados e valores discutidos e divulgados estão no mundo fechado dos intelectuais. Eles sabem o como e o quando devem ser manifestados. O que nos preocupa, em se tratando da

escola, é a siseudez com que se transmitem as verdades científicas. E isto carece de ser reestudado, levando em conta que, para Rubem Alves, o aprendizado se efetiva mediante o prazer suscitado pelo desejo em aprender. (conf. C.C.Q.G.E. p.106). Faz-se necessário, pois, reinventar uma forma de viver o prazer através das reestruturações dos métodos didático-pedagógicos.

Rubem Alves apresenta a seguinte colocação como proposta de resolução a esta problemática: "eu gostaria(...) que nas escolas se ensinasse o horror absoluto à violência e às armas de qualquer tipo. Quem sabe algum dia teremos uma Escola Superior de Paz, que se encarregará de falar sobre o horror das espadas e a beleza dos arados, a dor das lanças e o prazer das tesouras de podar. Que as crianças aprendessem também sobre a natureza que está sendo destruída pelo lucro, e as lições do dinossauro que foi destruído por causa do seu projeto de crescimento, enquanto as lagartixas sobrevivem... É certo que os mais aptos sobreviverão, mas nada sugere que os mais gordos sejam os mais aptos. E que houvesse lugar para que elas soubessem das lágrimas e da fome e que seu projeto de alegria incluísse a todos... Que houvesse compaixão e esperança..." (conf. E.Q.G.E. p.107). É uma colocação verdadeira porque é urgente a necessidade de satisfação para o homem. O desenvolvimento científico, nos aspectos sociais, econômicos, políticos e ideológicos, fez com que o homem se perdesse na imensidão de alternativas artificiais de prazer. Para recuperar a satisfação de viver, é indispensável despertar, no aluno, uma necessidade vital do prazer. Não no gozo sem responsabilidade. "A sensação de prazer é

um ato de conhecimento que interpreta uma dada relação organismo-ambiente como sendo favorável ou à sobrevivência ou à expressão do corpo"(conf.N.I.S.L. p.23). O prazer de viver as dimensões humanas integralmente é saboreado no ato mesmo de envolvimento do homem com seu destino humano. Uma vez despertada a necessidade do prazer, no aluno, ele se envolve gradativamente no processo, e tem como resultado a obtenção do prazer. Rubem Alves afirma, ainda, com bastante ênfase: "já que a ciência não pode encontrar a sua legitimação ao lado do conhecimento, talvez ela pudesse fazer a experiência de tentar encontrar o sentido ao lado da bondade. Ela poderia, por um pouco, abandonar a obsessão com a verdade e se perguntar sobre a vida das pessoas: a preservação da natureza, a saúde dos pobres, a produção de alimentos, o desarmamento dos dragões( sem dúvida, os mais avançados em ciências!), a liberdade, enfim, esta coisa indefinível que se chama felicidade"( conf.F.C.p.207).

### 3 - O Método e o prazer

Parece-nos conveniente a colocação, nesta altura, de como isto deve acontecer. Em outros termos, elencar expedientes que devem ser aplicados, para a obtenção do prazer, pelo aluno. Em primeiro lugar, o autor apresenta como solução um reestudo, e, por conseguinte, uma reestruturação dos currículos escolares. Outra insistência clara é para que os currículos "se organizassem nas linhas do prazer: que falassem das coisas belas, que ensinassem física com as estrelas, pipas, os piões e

as bolinhas de gude, a química com culinária, a biologia com as hortas e os aquários, política com o jogo de xadrez, que houvesse a história cômica dos heróis, as crônicas dos erros dos cientistas e que o prazer e suas técnicas fossem um projeto de muita meditação e experimentação"(conf. E.Q.G.E.p.106).\* Isso porque, de modo geral, o que se tem como básico, tanto pelas famílias, quanto pelo conceito social de educação, é que o aluno só desenvolve sua humanidade quando entra na escola. Deve passar por ela e acumular informações que lhe serão cobradas mais tarde: especificamente no vestibular. Nesse momento, o aluno é obrigado a corresponder às exigências, e, portanto, não aprende por prazer. "...a alegria do estudo está na pura gratuidade, estudar como quem ouve uma música" (conf.E.Q.G.E.p.107) eis um aspecto do método que viabiliza o prazer.

Na prática, consiste este método em aprender a ler o mundo no contato com ele. Extrair desse fato as consequências para a vida e posicionar-se no prazer, impulsionado pelo desejo. Falando de outra forma, o aluno, brincando, ( porque a brincadeira tem um fim em si mesma) aprende as grandes leis da natureza biológica e as leis sociais. O importante é que este método seja capaz de fazer o aluno superar as etapas de seu desenvolvimento, desde a infância até à maturidade, e permanecer a possibilidade de ver seriamente aquilo que é brincadeira. Para aclarar esse processo, devemos elucidar um pouco mais este método. O fundamental é que o professor caminhe no entusiasmo pelo saber, e o deixe transparecer aos alunos pelas

\* Grifos meus

técnicas didáticas. Mais precisamente, que o professor sinta prazer em educar e, sobretudo, ele se sinta envolvido pelas descobertas objetivas do mundo humando, através do desejo. O aprendizado através de imagens é uma forma de solidificar a assimilação. Pois a criança, quase sempre, tem facilidade em memorizar imagem. Aqui, cabe como método a criatividade do professor, de forma que seja proporcionado às crianças o saber pela imagem. Isto porque a criatividade é expressão da íntima capacidade humana." É preciso que se comece com a imaginação, pois ela consiste no pré-requisito do ato criativo, e o ato criativo na mais alta expressão da vida humana. A imaginação é a mãe da criatividade" (conf.G.F. p.83).

O ensino, se colocado nesses termos, gera, por consequência, o interesse no aluno de conhecer as grandes leis da natureza e da ciência. Assim, o aluno, envolvendo-se no ensino com interesse, acumula cultura e aperfeiçoa suas capacidades humanas. A solidificação da educação pelo prazer não permanece restrita aos acontecimentos momentâneos, mas vai em direção ao passado e ao futuro. Nisto consiste a importância da educação pelo prazer. Quanto maior e mais profunda a abrangência do conhecimento, melhor será a postura do aluno frente a história humana, com todos os seus avanços e retrocessos.

Essa postura consciente do aluno frente ao papel que tem na sociedade faz dele um ser a caminho de si mesmo. É nesse parâmetro que cabe a filosofia como reflexão, ou, pelo menos, como possibilidade de reflexão sobre os enigmas existenciais. O filosofar sério sobre a ludicidade pode proporcionar

um prazer para o homem. Cabe, então, aos mecanismos educacionais a tarefa de evidenciar e justificar a necessidade do prazer para o homem. Isso deve ser feito nas escolas, na igreja, na "mídia", de forma que as crianças sejam motivadas ao prazer, um prazer que dê sentido à vida.

Ao analisarmos a educação desenvolvida na escola concluimos que existem duas formas para se educar a criança pelo prazer. Uma é feita através da utilização de textos. O professor estimula o aluno a fazer confronto entre autores ou textos. Nesse trabalho, o professor deve utilizar-se de toda as suas potencialidades criativas para despertar o desejo no aluno. É um trabalho sério, na perspectiva da ludicidade. O texto é apenas um instrumento de trabalho, para desenvolver a intelectualidade do aluno.

O outro aspecto é aquele que se refere ao desenvolvimento integral do homem. Aqui, o ensino é simplesmente um mecanismo de humanização, entendendo-se por humanização, o aperfeiçoamento da sensibilidade intelectual e corporal, tendo em vista a criatividade e o posicionamento que possa ser tomado dentro da cultura existente. A linguagem veiculada está para ser, também, além de descoberta, criada. Para que o homem sinta a sensação de prazer, é necessário que ele tenha tido a oportunidade de experimentá-lo em algum momento de sua vida. O reclamado, por Rubem Alves (principalmente nos textos C.C.G.E. e E.Q.G.E.), é que as crianças presas a conteúdos, à gramática, à aritmética, a cálculos, não experienciam um prazer real e total, na educação. Levam muito a sério seu aprendizado, e, por

consequente, sua maturidade também será sisuda, não sabendo desfrutar o gosto espontâneo pelo saber.

Conheço uma experiência em que a professora de inglês ensina crianças de sete anos através do jogo e da música. A cada dia uma experiência nova. As crianças ficam na expectativa, porque o prazer de descobrir uma forma de dizer a realidade é fascinante. A professora utiliza métodos associativos, tomando figuras de animais que podem conviver em harmonia e animais que não vivem em harmonia. Colocando-os juntos e falando em inglês, a professora pede que as crianças, mesmo sem ter o domínio da língua nas suas falas, separem aqueles que devem ser separados e ajuntem aqueles que devem ser ajuntados. A assimilação e o interesse são tamanhos que elas querem continuar a aula após os trinta minutos diários. O ensino, neste caso, é criativo e dinâmico, e é feito pelo simples interesse e pelo amor. O prazer norteia tanto o exercício da professora quanto o aprendizado das crianças.

Nesse segundo modo de aprendizagem, é importante destacar o método de ensino, e não o conteúdo. é óbvio que o conteúdo serve como instrumento de trabalho, mas não é instrumento determinante no processo. O professor, no caso, deve ter criatividade aguçada para que a grandeza do método não se perca. Para o professor levar a criança à maturidade humana, faz-se necessário que ele sinta prazer no seu trabalho, e o aluno, impulsionado pelo desejo, despertado pelo professor, sinta interesse pela aprendizagem do conteúdo, através do método. O método deve ser aplicado a partir de realidades simples, mas con-

sistente em si mesmas. É o método de sentir sabor no saber.

O aprendizado pelo prazer é elaborado pelo prazer ideal e pelo prazer real. O aluno deve perceber, enquanto homem, imerso no mundo da competição. A competição, quase sempre, é o elemento norteador do processo educacional. A utilidade social, vista por esse ângulo freqüentemente, é objeto e objetivo da educação. Se juntarmos a competição à utilidade social, vamos encontrar o mecanismo educacional elaborado e viabilizado. O prazer proporcionado ao homem está no ato de se educar com as técnicas modernas, que fazem do aluno "homem produtivo". O prazer que se pode sentir aqui é uma sensação individual e específica, provocada pelo desejo em ser sempre melhor que os outros. O competitivismo se destaca em uma educação que prioriza o prazer de aprender pelo próprio aprender.

O aprendizado pelo prazer, que engloba o conhecimento científico, está sob o peso da utilidade social. O cientista, com sua sisudez acadêmica, experienciando o jogo lúdico, pode aprender melhor a realidade. O saber estruturado cientificamente "tirou o encanto, a magia, a aura sagrada, do universo" (Conf. F.C. p.55). Cabe à própria ciência reinstalá-los de forma que a educação para o prazer seja possível. A escola assume a real objetivação do prazer, sendo reestruturada nos valores humanos e sustentados por uma ciência que vê com seriedade o jogo, o riso, a brincadeira.

O aprendizado pelo prazer se sustenta no uso dos métodos e não somente nos conteúdos. Os conteúdos são e devem ser instrumentos, mais precisamente técnicas para o método da

ludicidade. O prazer conquistado por intermédio do lúdico, deve ser o mais puro e verdadeiro objetivo da educação. Isto não acontece gratuitamente, mas graças ao desejo de vivenciá-lo integralmente. Para viver a dimensão total do prazer na educação é necessário que tanto professor quanto aluno estejam dispostos e predispostos a comungar a sua própria vida. Nessa comunhão se solidifica a humanidade dos envolvidos, caracterizada como personalidade. Segundo Rubem Alves, é o "complexo lingüístico" formando valores que determinam a personalidade madura do homem. Ele, o homem, vive o prazer na medida em que aprender o prazer como valor necessário à sua vida.

PEDAGOGIA DA DIFICULDADE E PEDAGOGIA DO PRAZER  
(DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS)

1 - Características Divergenciais

Nesse capítulo temos a pretensão de fazer uma análise das divergências e das convergências do pensamento de Rubem Alves e de Émile Chartier (Alain). Devemos salientar que existem divergências entre ambos, tratando-se de métodos de aprendizagem. E que existem convergências ao falarmos de objetivos no aprendizado. Inicialmente, vamos abordar as questões referentes às divergências, e, em seguida, passaremos às convergências.

O básico dos raciocínios destes autores é que a compreensão da realidade está substancialmente ligada à cosmovisão do professor e a cosmovisão do aluno no ensino-aprendizagem. E esta cosmovisão, por sua vez, vai se solidificando na medida em que ocorre assimilação pelo aluno, no relacionamento educacional. O aluno é parte fundamental do processo educacional porque é conduzido ao mundo adulto pelo professor. Sabe-se que o desenvolvimento do educando é diretamente proporcional ao conhecimento teórico e prático do professor. Ou seja, o professor tem a incumbência de proporcionar ao aluno as diretrizes

humanas, para que ele se perceba como homem na formação de sua personalidade.

Nesse relacionamento, encontramos um primeiro aspecto dicotômico: para Rubem Alves, o processo ensino-aprendizagem deve ser sustentado pela co-relação dos envolvidos com o desejo, no ato de aprender. Devem ser partícipes do mesmo projeto. A vivência do prazer, em tal relacionamento, tem como conseqüências o conhecimento que é eficaz, tanto nos momentos existenciais quanto nas situações de aprendizagem. Este raciocínio é nevrálgico no pensamento de Rubem Alves. O aprendiz não retém conhecimento se não estiver impulsionado a obtê-lo pelo desejo. O aluno, conhecendo pelo prazer de conhecer, envolve-se no processo educacional enquanto criança, porque busca normalmente um prazer que tem um fim em si mesmo. Em outras palavras, para o aprendiz, o conhecimento é realizado através do jogo característico do aprendiz gerando satisfação de desejos. O objetivo, aqui, é observado como o conhecer pelo desejo de conhecer. Uma vez que realiza a apreensão da linguagem, com seus respectivos valores, assimila-se o essencial, isto é, adequa-se o que se aprendeu às manifestações de idéias, desejos e sentimentos. Cabe, portanto, ao professor excitar o aluno a tal aprendizado. Tanto um, quanto outro, podem obter o máximo de prazer nesse acontecimento.

Se para Alves, tanto o professor quanto o aluno devem estar predispostos a viver o prazer, para Alain, nem um nem outro podem senti-lo no ato de ensino-aprendizagem. Devem, sim, tê-lo como sustentáculo da maturidade humana. Assim, pri-

meiramente, antes de vivê-lo, ambos devem preocupar-se com a superação das dificuldades encontradas nesse ato. Nisto consiste a disciplina pessoal, que é uma outra forma de dizer da maturidade humana.

A aprendizagem pela dificuldade está no ato de desenvolver as aptidões do aluno enquanto superação das dificuldades no ato de aprender. O papel do professor deve ser assumido para fazer com que os alunos trabalhem. O professor não pode trabalhar pela criança e junto com ela, mas deixá-la trabalhar. A criança, trabalhando, descobre por si mesma as dificuldades, e isto é o que importa.

Em Alves, encontramos a necessidade de que o professor esteja envolvido com o aluno na aprendizagem. Assim sendo, o aprendizado se torna eficaz, graças à experiência do professor que é passada ao aluno. Significa que o professor deve sentir também o desejo de aprender (ou reaprender) tanto quanto o aluno. Já para Alain, o professor não pode sentir o prazer imediatamente ao ensino. Isto geraria uma imagem não conveniente aos alunos do papel do professor. Pois a seriedade na aprendizagem é fundamental e deve ser preservada. Tal fato é uma das características da pedagogia da dificuldade. O importante é que o aluno sinta a seriedade do ambiente escolar, e supere as dificuldades em apreender e assimilar um conteúdo qualquer. Chartier evidencia a exigência de que o professor não apresente ao aluno uma taça com as bordas untadas de mel, e que o conteúdo seja amargo, mas uma taça com as bordas amargas e dentro dela esteja o mel. São duas formas apresentadas por Rubem Alves e

por Émile Chartier, de relacionamento do professor com o aluno. Na primeira, o professor vive o aprendizado com o aluno através da criatividade e do desejo, enquanto que, na segunda, o professor deve colocar nas mãos do aluno a dificuldade para ser superada. Para Rubem Alves, é o prazer pela satisfação do desejo, e, para Alain, é o prazer pela dificuldade superada.

Segundo Alves, o aprendizado deve acontecer pela brincadeira. Isto porque a brincadeira é realizada com gosto e satisfação tendo como sustentáculo implícito ou explícito os objetivos metodológicos, sociológicos, éticos, filosóficos e mais que isso, ter objetivos pedagógicos, de forma que o aluno envolvido nela tenha um desenvolvimento intelectual satisfatório. Citando Alves, dissemos no item 3 do capítulo III como é este método de aprendizagem. Consiste, essencialmente, em trabalhar o aprendizado, tendo em vista o prazer no ato de aprender, no processo e no resultado do conhecimento.

Deve-se levar em conta, nesse aspecto, que a brincadeira é somente um pressuposto para o conhecimento pelo prazer. Faz-se necessário conhecer as dimensões da seriedade da brincadeira no relacionamento educacional. É indispensável ter consciência da seriedade que ela comporta. O professor deve saber qual a melhor maneira de provocar a necessidade dela a cada realidade educacional. Também deve ter bem claro: quais são os objetivos a serem alcançados, quais os métodos a serem aplicados, quais os mecanismos lúdicos que proporcionarão o prazer na aprendizagem.

Ao contrário de Alves, Alain vê esse fato como

procedimento insustentável no que tange ao aprendizado; ele desconfia desse ensino pela brincadeira. "Au niveau de l'enfant, pensez-y, vous n'intéressez déjà que son être d'hier; il se repetisse alors un peu, afin que vous puissiez lui plaire, mis gare au mépris"(1). Para Alain, o ensino deve ser feito através da seriedade do cálculo, da seriedade do raciocínio e da seriedade da própria escola. A brincadeira deve existir sim, mas como jogo, nos intervalos destinados a isso. E não no momento da aula propriamente dita. Ela, a brincadeira, é utilizada, além da descontração, também como passagem de um momento a outro, para que o aluno perceba a diferença entre a ordem severa e o jogo. O momento da aula é o momento da seriedade pela própria seriedade, ou seja, a ordem severa. A dificuldade em aprender deve ser mostrada pelo professor ao aluno. Nesse âmbito, o professor deve ter seus objetivos próprios, mas estes não podem ser percebidos pelos alunos. Caso isto ocorra, as crianças farão aparecer a indisciplina, que é uma forma de perceber a fraqueza do professor. Conseqüentemente, a seriedade no processo educacional, caracterizado pela dificuldade, esvaziar-se na algazarra. E se assim acontecer, cabe ao professor agir com vigor, contrariamente aos alunos, de forma que a seriedade da aprendizagem seja retomada. A ordem e a seriedade do aprendizado, inspirados na busca do conhecimento, devem ser embasadas nos clássicos. A seriedade do aprendizado, vista por esse

(1) Émile CHARTIER (ALAIN). *Propos Sur L'Éducation*. P.14 "No nível da criança, pense nisso, você só desperta o interesse de seu ser de ontem: ele diminui então um pouco o seu tamanho, a fim de que você possa lhe agradecer".

ângulo, está na conquista da disciplina pessoal gerada pela superação da dificuldade.

"O que deve penetrar por toda parte é o espírito científico, não a ciência que esmaga; e é mais seguro procurar o espírito científico em suas origens que na massa dos últimos descobrimentos que não podem esclarecer"(2). É importante a observação do espírito científico pelo aluno. Tal observação se consolida na medida em que ele não somente tenha conhecimento da origem, das definições, dos métodos e das conquistas científicas, mas saiba apreender o espírito contido nesses aspectos que geram possibilidade de sobrevivência. Esse fato deve acontecer no contacto direto do aluno com componentes mais simples da complexa máquina científica. Deve ele saber manusear chaves, saber a utilidade de cada uma; ter contato com parafusos, polias, hélices etc; descobrir que o espírito atravessa a simplicidade do uso das ferramenta e vai ao encontro de grandes leis científicas, expressas na origem do pensamento e em toda a história da ciência.

Enquanto, para Chartier, o conhecimento do espírito científico é indispensável para que o homem se posicione como homem no seu meio social, para Alves, a ciência deve ser reestruturada de forma que o cientista possa estar ligado à seriedade da brincadeira, do jogo, e não somente à seriedade das leis e das teorias científicas. A preocupação fundamental da ciência, atualmente, segundo Alves, é com a formação do homem para atender à utilidade social. Diz-nos o autor que a

(2) Citado por Jean CHATEAU. Os Grandes Pedagogistas. P. 344

atual preocupação dos cientistas é com problemas epistemológicos e metodológicos, e não com problemas éticos. Significa, portanto, que se deve fazer uma interpretação do conceito elaborado historicamente e dar a ele um outro sentido. Tomar o sentido vertical que lhe é dado e atribuir-lhe uma horizontalidade. Ou seja, não operacionalizar apenas seus mecanismos que estão veiculados ao poder político e econômico, visando um "status" social, mas, ao contrário, que se operacionalizem os conceitos, os métodos, as técnicas para a valorização do homem com todas as suas características humanas. Alves diz em carta ao professor Regis de Moraes que "o verdadeiro cientista trabalha como quem brinca". Isto é, o que temos não é a presença de cientistas preocupados com o prazer pelo prazer, mas o prazer que se pode obter pelos benefícios econômicos, sociais e políticos. É urgente a necessidade de outro tipo de cientista. Aquele que reconhece a importância de "quem deseja saber por saber sem querer, (...) encontrar o seu prazer na curiosidade satisfeita, no senso de domínio intelectual do objeto, no obstáculo epistemológico vencido"(3)

Dada a seriedade da ciência, pode-se observar também a seriedade da aplicação dos métodos pedagógicos nas escolas. Aqui podemos incluir outro aspecto não menos importante que os analisados até agora. Como é vista a presença do amor em ambos os autores?

De um lado, para Alain, o amor é norteador do relacionamento familiar. O poder que a família vivencia inter-

(3) Rubem ALVES. Carta a Regis de Moraes em 1986

namente é subsidiado pela presença do amor, do envolvimento afetivo e da fraternidade. Na família, o amor sustenta o relacionamento humano; na escola, prevalece o espírito de seriedade, da rigidez dos raciocínios, da segurança do mestre-escola, que convergem para a ação pedagógica do professor. O espaço, destinado ao "povo criança", deve ser preenchido pelo ensino do cálculo, da gramática, do exercício intelectual, onde a presença do professor é fundamental para o processo de aprendizagem. A própria escola se encarrega desta seriedade pedagógica porque o "povo criança", no seu verdadeiro mundo, está sob o jugo da dificuldade de aprender. Aqui, o amor não deve ter as mesmas dimensões que tem na família. O professor deve evitar assumir o papel de pai, esquecendo-se do seu papel de educador. Fazendo isso ele possibilita ao aluno construir seu próprio aprendizado pela dificuldade existente no processo educacional. Assim, a personalidade do aluno será sublinhada pelo saber com a superação das dificuldades graças a esta ação pedagógica da escola e do professor.

Por outro lado, Alves defende a postura de que o amor deve ser o ponto nevrálgico entre professor e aluno. É a presença do amor que privilegia a criatividade e o conseqüente envolvimento de ambos no processo de ensino-aprendizagem. Quando o professor ama seu trabalho, ama também os envolvidos nele. E esse amor desperta, conseqüentemente, o outro lado envolvido, que é o aluno-sujeito. E a busca de prazer no ato de relacionarem-se vai ganhando forma e sendo o sustentáculo do processo de aprendizagem. O amor, sendo vivenciado espontaneamente pelo

professor e pelo aluno, se afigura num inter-relacionamento, ou seja, os que se amam não se interessam um pelo outro, simplesmente pelo fato de amar. Mais que isso, os sujeitos libertam-se porque agem pelo amor.

O ensino, enquanto processo sustentado pelo amor, liberta o homem de si mesmo e o conduz à humanidade. O aluno assume a sua própria identidade humana pelo prazer, advindo do relacionamento amoroso. Com isso, conhece-se a si mesmo, ao outro e ao mundo. A necessidade do amor ao brinquedo faz-se urgente porque ele tem um fim em si mesmo. E o aluno, brincando, aprende pelo próprio fato de brincar amando.

Quanto ao processo de vivência do prazer, temos dois enfoques. Um trata do prazer ideal, e o outro, do prazer real. Pelo que vimos durante este estudo, podemos afirmar que Alves se preocupa com a divulgação da necessidade do prazer real. Tal fato possibilita uma análise detida do método aplicado na pedagogia do prazer. Isto já fizemos no capítulo anterior. Cabe-nos, portanto, colocar aqui que este método consiste em vivenciar o máximo de prazer na aprendizagem, utilizando-se da técnica da ludicidade. A ludicidade está ligada ao jogo, ao brinquedo, ao relacionar-se amorosamente com o processo de formação da personalidade ("complexo lingüístico"). Tal formação, denominada também de educação, se manifesta na inter-relação da cosmovisão do aluno com a cosmovisão do professor. Que é, de outra forma, a percepção global do prazer real.

Nesse processo, tanto aluno quanto professor devem estar conscientes da necessidade do prazer para a vivên-

cia social cotidiana. A vivência do prazer caracteriza-se também como aprendizado. Em outros termos, o prazer é apreendido também pela prática cotidiana dele. Segundo Alves, a melhor forma de apreendê-lo é através de sua "praxis". O aluno, experienciado o prazer impulsionado pelo desejo, no processo educacional, apreende o sentido real do prazer e o sentido da realidade que gera tal prazer. Conseqüentemente, a realidade proporciona prazer quando vivida intensamente, e o prazer real adquire a expressão da verdadeira realidade, para os sujeitos nela envolvidos.

É importante salientarmos que a realidade apresentada acima está para o prazer tanto quanto a educação escolar está para o conhecimento intelectual. Podemos perceber, através desse raciocínio, que há a possibilidade da ligação entre prazer e realidade. Tal ligação nos proporciona dizer do prazer real, visto que, para Alves, o prazer deve estar interligado à vivência concreta do aluno. Ou seja, o prazer real consiste em viver a maior satisfação possível, através do contato do aluno e do professor com o espírito lúdico que envolve o sabor do saber.

Émile Chartier, por outro lado, discute essa mesma problemática, embora de outro ponto de vista. O prazer é caracterizado como superação da dificuldade, por isso, podemos atribuir-lhe a categoria de prazer ideal no processo educacional. Tal é a importância da obtenção do prazer, que Chartier elenca os métodos da dificuldade e da disciplina pessoal em

função do esquema relacional do professor com o aluno. O professor deve dar ao aluno a idéia de grandeza (prazer maior) para ser conquistado após muito esforço e sacrifício; o aluno deve trabalhar, e o professor, observar e orientar; o aluno, inspirado no professor, deve buscar conhecimento nos clássicos e conceber o espírito científico contido nas descobertas feitas historicamente pelo homem. Enfim, o papel do professor é mostrar ao aluno a possibilidade da vivência do prazer no conhecimento conquistado.

A realidade está, nesse caso, para o aluno, como instrumento de mobilização para o prazer. Significa, pois, que não se obtém prazer algum, no contato com ela. E que o prazer deve ser o espírito que arrasta o aluno para si no processo de aprendizagem. A relação existente aqui é simplesmente caracterizada como capacidade de vencer as barreiras da aprendizagem, tendo em vista um objetivo ideal. Em outros termos, o prazer, nesse caso, é ideal.

Idealiza-se algo que é superior ao que se vive no cotidiano. De outra forma, o prazer veiculado por Chartier é, por assim dizer, uma utopia no processo. Não é como resultado da aprendizagem. Tal cotidiano possui duas faces: a da família concretizada no amor, e a da escola, concretizada na neutralidade do trabalho. Ambas já discutidas anteriormente. Cabe aqui, somente, acrescentar que, na família, vive-se o real, ou seja, o conflito diário entre mundos diversos e povos com estruturas próprias: o "peuple parent" e o "peuple enfant"(4).

(4)ALAIN. Propos Sur L'Education. P.78-"povo pai"- "povo-criança"

Entretanto, na escola, vive-se o ideal; é lá que a criança se junta com os seus coetâneos, formando o "peuple enfant" para ser instruído e elevado ao mundo dos adultos. A idealidade mostra às crianças os aspectos verdadeiros, do ponto de vista dos adultos, confirmando-se, assim, a postura do autor. Por isso, é, além de ideal, bastante idealizada.

Temos consciência de que a escola pode ser, também, como a família, um ambiente onde se vive o lado palpável da realidade. Entretanto, a diferença entre a escola e a família expressa-se em ser a escola articulada por métodos próprios, por programas elaborados e objetivos delineados. Na família, não encontramos nem métodos, nem programas, nem objetivos pré-estabelecidos, mas tão somente a vivência do dia-a-dia. Esse é o ponto crucial da idealidade e da realidade vividas na família e na escola, vistas por Alain.

Os argumentos que estão sendo apresentados até agora neste capítulo comportam em seu interior as diferenças básicas existentes entre Alves e Alain. Podemos colocar, como aspecto fundamental e determinante, a seguinte proposição: o método pelo qual se ensina e se aprende (acerca do prazer) é substancialmente divergente nos dois autores. Um, Alves, está propondo que o lúdico, expresso na brincadeira, no jogo, no riso, no amor a eles seja o caminho para se obter um prazer real. O próprio aprendizado é a possibilidade de vivência do prazer, e esse prazer estende-se evidentemente a toda a experiência humana advinda do conhecimento. Em outras palavras, obtém-se um saber quando o sabor se faz presente no processo de aprendiza-

gem e no final dele.

O outro, Alain, está propondo que o aprendizado aconteça na medida em que se tenha contato com a própria dificuldade de se aprender. O prazer deve ser conquistado, após ter-se superado as dificuldades e conseguido uma disciplina pessoal. Isto caracteriza-se como prazer ideal. O processo da aprendizagem deve ser inspirado nos clássicos do pensamento e no espírito científico. Uma vez feito isso, o saber gera o sabor. Ou seja, o sabor no aprendizado só se concretiza quando há a superação da dificuldade do saber. Em outros termos, o aprendizado é o produto da assimilação, é o resultado de dificuldades superadas, é a efetivação da personalidade e da disciplina no aprendiz.

## 2 - Características Convergençiais

Apresentaremos agora, as convergências no pensamento de Alves e de Alain. Fundamentalmente, o que encontramos como pontos comuns é a procura pelo prazer na educação e a educação enquanto solidificação da personalidade do aluno.

Rubem Alves sustenta a tese do prazer na educação como sendo um acontecimento intrínseco e necessário a formação da personalidade do aluno. No processo, pelo qual há essa realização, há também o desabrochar da perspectiva humana do aluno. O aluno vai consolidando através de sua vivência cotidiana e da aprendizagem, uma determinada linguagem. Para esse autor, a personalidade é a forma de manifestar o "complexo lingüístico" solidificado, que é o homem. Com a linguagem, o

aluno expressa seu mundo, revela sua amplitude de percepção, sua evolução intelectual, sua conceituação própria, sua existencialidade. A linguagem assume, então, um papel irrestrito. Por isso, o aluno faz uso da linguagem que está diretamente ligada à maneira de expressar seu mundo, sua vivência cotidiana, seus valores culturais. Tais valores vão evoluindo e ganhando forma, de modo que o aluno também vai assumindo sua própria condição de homem inserido numa cultura. A cultura manifestada através da linguagem é, todavia, um mecanismo utilizado para educar a criança. No processo educacional, visto por esse ângulo, o aluno é agente do aprendizado e o professor é promotor dele. Isso porque a cultura é entendida como elaboração humana da realidade, para atender as necessidades valorativas próprias do homem.

Os valores culturais estão impregnados de uma linguagem e manifestam as necessidades naturalmente vitais do aluno em buscar a realização de seus desejos mais profundos. O professor deve pautar-se pelo aprendizado que insere o desejo na busca de satisfação pessoal do aluno. Isso acontece mediante o uso da linguagem. O professor, utilizando-se de uma linguagem ampla que lhe é própria, expressa uma realidade e desperta no aluno um desejo de conhecê-la também. Tendo-a por objetivo no ensino-aprendizagem, o aluno procura o domínio tanto da linguagem quanto da realidade. O prazer de conhecê-las se manifesta como coroamento da assimilação que o aluno efetiva.

O aluno assimila com facilidade e com gosto, o conteúdo proposto pelo professor. Estando o conteúdo organizado

e diretamente ligado ao desejo de prazer do aluno, o trabalho é efetivamente satisfatório. O prazer vai norteando a aprendizagem, sustentado pela linguagem. Assim, o aprendizado vai sendo efetivado pelo aluno, na medida em que ele, o aluno, conhecer e dominar, mesmo que parcialmente, a linguagem estabelecida convencionalmente. E este processo se solidifica graças aos valores instrínsecos, caracterizados na aprendizagem pelo prazer. Podemos elencar vários valores, mas nos restringimos a dois apenas: aquele que se refere ao prazer impulsionado pelo desejo e aquele que se refere ao prazer pelo gosto individual ou coletivo da assimilação. No primeiro caso, já discutido, o mínimo de interesse e satisfação com aquilo que se faz é a condição mesma da possibilidade de fazê-lo de maneira integral. No segundo caso, depende quase que totalmente do método utilizado pela aprendizagem. Pode ser aplicado individualmente para o aluno ou pode ser coletivamente viabilizado pelo professor e pelos alunos.

Um dos ângulos de importância capital para Alves é a observação que faz a respeito do homem-natureza e do homem-racional. Por ser o aluno, também, um organismo biologicamente fechado, tem a necessidade de superar os limites biológicos e envolver-se na racionalidade. Esta última destaca-se como característica propriamente humana. É por isso que o aluno pode e deve entender-se como homem e desenvolver suas aptidões naturais pela força racional que possui.

A progressividade e acumulação da linguagem são feitas por intermédio da memória humana. Ela é responsável pela

aglomeração de expressões. Significa que os conceitos apreendidos são ajuntados a outros, e assim, a criatividade intrínseca do homem é a florada. Com isso, a linguagem assume uma dimensão global que expressa a realidade contida no aprendizado, elaborado pelo aluno. Graças ao prazer vivenciado na aprendizagem, o aluno pode expressar criativamente sua cosmovisão, através da linguagem. Ou seja, a linguagem que é, segundo Alves, uma técnica cultural, vai se consolidando no aprendiz, na maneira pela qual ele fala e pensa sobre seu mundo.

A racionalidade humana, desenvolvida através da língua mãe, expressa, por assim dizer, a personalidade do aluno e do professor. O aluno, sendo acompanhado pelo professor, torna-se capaz de perceber os seus limites enquanto estrutura humana (biológica e racional). Para se perceber como tal, ele, o aluno, utiliza-se do raciocínio. E o raciocínio não acontece senão quando excitado pela linguagem. É, em última instância, um mecanismo de elaboração cultural.

Desta forma, o aprendiz sai do seu mundo limitado e incorpora, em seu crescimento humano, um mundo mais amplo e mais global. Através do uso da linguagem o aluno assume uma condição de criar uma forma para falar de sua cultura, de seus valores, de seu próprio desejo e do prazer correspondente. Ao ter domínio de sua realidade existencial, o aluno se afirma como homem e assume seus próprios limites de linguagem. Isto é, em outros termos, o que Rubem Alves coloca como efetivação da aprendizagem e do prazer.

O objetivo fundamental do processo educacional,

para Alves, é que o aluno seja capaz de buscar a satisfação de seu desejo mais profundo e que o professor seja apenas aquele que lhe proporcione condições a isso. É, em outros termos, necessário que se viva o prazer na prática, porque, daí, decorre a vivência contínua de tal prazer. O prazer deve ser condutor e objetivo da personalidade do homem em crescimento.

Depois de termos colocado alguns elementos do pensamento de Rubem Alves sobre a educação relacionada com o prazer, e como deriva dele sua "praxis", apresentaremos, no pensamento de Émile Chartier, (Alain), a pedagogia da dificuldade e seus objetivos, no que tange a educação como ensin-aprendizagem.

Se em Alves encontramos a necessidade de vivenciar o prazer no processo de aprendizagem, encontramos, também, diferentemente, em Alain, a forma como ele vê esse fato. A preocupação deste último autor está em que o prazer não pode ser vivido imediatamente pelo aluno. Somente após ter havido a superação das dificuldades na aprendizagem é que ele pode, por assim dizer, ter como produto do aprendido o prazer do conhecimento.

Ensinar, segundo Alain, é uma arte, e seus resultados são palpáveis na medida em que o professor for capaz de dirigir o educando à conquista do prazer maior. "Le merveilleux de cet art, et de cette pensée, et de ce style, c'est que l'homme accepte pleinement et joyeusement sa situation d'homme, et que, cherchant la perfection ou-dessus de

sa tête..."(5). Aceitar a situação de homem é condição básica para o aluno se desenvolver no conhecimento. Enquanto tal, o aprendiz está submetido a um processo de humanização. Humanizar, segundo Alain, consiste em incorporar no aluno o espírito humano que as belas-letras revelam. Em outras palavras, o professor é aquele que faz um trabalho, cujo objetivo é dar à criança uma auto-ideia de si mesma. Para isso, o professor busca subsídio, enquanto educador, nos clássicos. Essa é a sua função.

Para que aconteça esse fato, o aluno deve ultrapassar algumas etapas na aprendizagem. A primeira e mais importante delas é a leitura. Ler bem significa, para Alain, ler com facilidade, vivamente, sem esforço, de forma que o espírito se destaque da letra. Assim, o aluno pode prestar atenção ao sentido. Não só sentido daquilo que lê, mas, principalmente, daquilo que a humanidade expressa. Saber ler, em termos mais precisos, é descobrir a cultura da humanidade contida nos livros, nos belos livros. Segundo Alain, "o que é belo para todos, e humano universalmente, é justamente o que parece ter sido escrito para cada um". Por isso, a leitura é uma tarefa difícil, e exige certa disciplina pessoal, a qual, por sua vez, caracteriza-se como superação das dificuldades e dos dissabores na aprendizagem da leitura. O sabor de ler será vivido após muito

-----

(5) Emile CHARTIER (ALAIN). *Propos sur L'éducation*. p. 173 - "O maravilhoso dessa arte, desse pensamento, desse estilo, é que o homem aceita plena e alegremente sua situação de homem, e que, procura sua perfeição acima de sua cabeça."

esforço e muito exercício. Sabe-se que o "prazer maior" está além do aqui e agora. A passagem do aluno pelo cotidiano escolar acontece por etapas, cuja superação proporciona um prazer pessoal. O aluno deve, portanto, saber procurá-lo como algo sublime que está acima de seus próprios limites. Isso só se concretiza pela leitura bem feita.

Outra etapa é a escrita. Esta vem por consequência da leitura. Não se aprende senão pelo exercício de copiar; deve ser desenvolvido gradativamente e em escalas. Escalas estas que caracterizam, em primeira instância, a busca do conhecimento, nas fontes, nos belos livros. Eles servirão de textos-base, quando selecionados, segundo o interesse dos alunos. Então, copiar é o processo em que o aluno desenvolve seu raciocínio e se percebe como homem. Isso porque, copiando, ele mantém contato com outros homens. E este contato com as grandes obras dos grandes autores quase sempre acrescenta percepções sólidas que contribuem para a formação humana do aprendiz.

O prazer, para ser conquistado nessa etapa, deve ser programado e almejado pelo aluno. Tendo em vista tal prazer é que Alain apresenta a pedagogia da dificuldade como importante, tanto para o professor, quanto para o aluno. Ou seja, o aluno apreende uma auto-disciplina que, vista de outra forma, é também a maneira pela qual ele consegue perceber a si próprio. Nesse processo, a experiência vai sendo a mola mestra do ensino. O professor é apenas um instrumento proporcionador de métodos e técnicas de aprendizagem.

Ao agir assim, o aluno vai sendo moldado pelo

desejo de prazer. A natureza humana, conforme Alain, se molda com facilidade segundo o julgamento de outrem. Disse ele ainda: "je crois pourtant ferme que chaque individu naît, vit et meurt selon sa nature propre, comme le crocodile est crocodile et qu'il ne change guère"(6). Significa, pois, que os valores apreendidos pelas crianças vão sendo elaborados através do contato com o professor. E são importantes para que a convivência humana seja possível. Não se pode ponderar a respeito dos valores, sem incluí-los como partícipes da ideologia escolar. Ela tem um destaque no ensino da leitura, da escrita e da recitação. O julgamento valorativo que o professor faz dos alunos, por mais imparcial que seja, está impregnado de valores sociais: alienantes ou não. Podemos dizer, a partir desse raciocínio, que o aluno tem uma manifestação que é regulada pelos valores. O fundamental, portanto, são as exigências internas de realização pessoal do prazer que o aluno carrega em sua própria estrutura humana, sustentadas pelos valores essenciais.

Outra etapa, não menos importante que as anteriores, é o ensino da ortografia. Este ensino da ortografia deve estar vinculado ao que é vigente, sabemos, por experiência, que ela é o resultado de avanços e retrocessos da cultura. Daí a necessidade de se retomar o espírito humano dos grandes homens para poder elaborar, em boa ortografia, os caminhos. Justifica ainda o autor: "il n'y a qu'une méthode pur bien penser,

-----

(6) Op. Cit. p. 33. - "Creio firmemente que cada indivíduo nasce, vive e morre segundo sua própria natureza, assim como o crocodilo é crocodilo e não muda."

qui est de continuer quelque pensée ancienne et éprouvée"(7). Só assim, o aluno progride na formação de sua personalidade. Mas não pára por aí. Outro aspecto é que ele seja também capaz de "tracer de belles marges sur un beau chier; copier des formules pleines, équilibrées, belles, voilà le travail heureux, assoupli qui fait le nid pour l'idée"(8). Portanto, o aluno deve estar em condições de ler, reler, copiar, recopiar, escrever, reescrever e, conseqüentemente, pensar por si só. Ao conseguir superar etapa por etapa, ele consegue, por conseguinte, ter prazer na auto-disciplina e no auto-conhecimento.

Podemos dizer, contudo, que, em alguns aspectos, Alves e Alain se encontram e em outros eles se aproximam. É no crescimento intelectual, baseado na superação dos seus limites biológicos, que o aluno amadurece enquanto homem. Vale dizer, ainda, que não importam os mecanismos e as técnicas utilizadas, para favorecer ao aluno a obtenção do prazer. O que interessa é que ambos promovem, através da educação escolar, a possibilidade de o aluno ser ele próprio, com responsabilidade pela sua vida individual e coletiva. Só assim, ele pode experimentar um prazer que faça sentido e que seja o sustentáculo de sua personalidade.

-----

(7) Op. Cit. p.136 - "só há um método para bem pensar: é continuar alguns pensamentos antigos e experimentados".

(8) Op. Cit. p.140 - "traçar belas margens em um belo caderno; copiar fórmulas cheias, equilibradas, belas, eis aí o trabalho feliz, leve, que faz o ninho para a idéia."

## ABORDAGEM CONCLUSIVA

Chegamos a um momento importante de nossa pesquisa, porque apresentaremos as conclusões básicas que obtivemos a partir deste trabalho. É imprescindível que nos coloquemos envolvidos nos dois aspectos discutidos até aqui: prazer e dificuldade na aprendizagem. Neste capítulo, teceremos algumas análises críticas, quando cabíveis. Tivemos oportunidades anteriores de fazê-las, mas não as fizemos porque destinamos um espaço apropriado a tais análises. E é aqui que as faremos. Esse é o espaço também adequado à colocação da importância da educação, do prazer e dificuldade, suas perspectivas educacionais como sustentação do desenvolvimento intelectual do aluno que está em processo de humanização. Não faremos somente, uma análise de tais dados mas colocaremos também nossa própria experiência de educador.

Conseguimos, como resultado deste trabalho, algumas idéias que podem nortear uma interpretação da educação no que tange as possíveis utilizações ideológicas delas. São apresentadas, em tal interpretação, formas ideológicas da produção e do consumo. A idéia difundida corresponde àquela de que o prazer deve ser obtido na relação do homem com o produto e não com o processo de produção. Podemos aclarar um pouco mais essa

colocação. O prazer, entendido pelo homem contemporâneo, está vinculado ao modo ideal divulgado pelos meios de comunicação. Para se obter tal prazer, é necessário que sejam fabricados os produtos consumíveis. Tais produtos são criados para atender às necessidades ideológicas do consumo. Além de criá-los, o homem elabora também um modelo de prazer para o homem. É, de outra forma, um prazer criado para satisfazer o desejo veiculado socialmente da produção e do consumo, e não ao homem enquanto ser de realização interior. Inclusive, a própria educação dificilmente ultrapassa esse patamar ideologizante. Isto porque, o que é a educação senão uma forma de humanizar o aluno dentro dos padrões estabelecidos?

Aqui, deparamo-nos com dois problemas importantes. Primeiro, aquele que se refere à educação enquanto aparelho ideológico do Estado, cujo objetivo é trazer a criança ao mundo adulto e adequá-la aos mecanismos sociais de convivência. Segundo, aquele que se refere à educação enquanto libertadora, cujo objetivo é fazer com que o aluno entenda sua realidade e lute para que ela seja transformada. Analisando com calma e seriedade estas duas posturas, vamos perceber que tanto uma, quanto outra, estão a serviço de um modelo de homem, e por consequência modelo de sociedade. Ambas, podemos afirmar, possuem uma idealização do homem. Isso, porque o homem cria ou lhe são criados modelos que o sustenta socialmente. Essa análise é importante, tendo em vista a proposta de educação para o prazer.

## 1 - Educação - Prazer e Educação - Dificuldade

O homem necessita de idealizações que lhe proporcione condições de viver socialmente. Por isso, a educação escolar exerce uma função importantíssima. Principalmente no que tange à formação intelectual. Sabemos, por experiência, que a educação escolar está posta para organizar as informações acumuladas socialmente, nos alunos. Alunos estes, entendidos aqui como aqueles propensos à intelectualização. Para tanto, são utilizados instrumentos de ordem didático-pedagógica para facilitar ao aluno a ascensão do saber assistemático ao saber sistemático.

Para que haja esse processo, faz-se necessária a existência, por um lado, do professor e, de outro, do aluno. Ambos estão envolvidos no mesmo ato de aprendizagem que se constitui em ensino e aprendizado. Responsável pelo ensino está o professor com seus conhecimentos e suas experiências existenciais. O acúmulo de informações que se processa no homem, através da relação cotidiana com os outros, vai sendo aprimorado pela ascensão intelectual que ele experimenta. Só se ascende intelectualmente, em contato com outros pensadores que podem servir de inspiração e mesmo, de modelos para se seguir ou para se criticar. Tais pensadores servem de fontes para o professor, não só para seu próprio aperfeiçoamento, mas também, como pro-

dutores de textos-base para as aulas ministradas. Esse fato proporciona concluir que a cosmovisão do professor vai se ampliando na medida em que haja uma relação intelectual dele, com os avanços históricos efetivados pelos outros homens.

De outro lado, está o aluno, posto em uma situação de receptor e elaborador de cosmovisão. Segundo o que vimos, a elaboração da cosmovisão do aluno segue por dois caminhos: o do prazer e o da dificuldade. Ambos os caminhos estão ligados à auto-disciplina. O aluno, tomando como base o primeiro caminho, vai instintivamente fazendo as ligações do cotidiano escolar com o cotidiano fora da escola. Tais ligações possibilitam-lhe a ascensão intelectual pelo exercício contínuo do raciocínio em busca do prazer, através do desejo. Parece-nos importante esse trabalho, mas quem o faz? Isso não é também uma idealização para que o aluno possa aceitar passiva e alegremente os fluxos ideológicos de domínio? Seguindo o pensamento de Rubem Alves, podemos dizer que o lúdico na aprendizagem deve ser o suporte que sustenta a cosmovisão dos envolvidos. A sociedade carece de homens que sintam e ensinem o prazer. Para sermos mais precisos, faz-se urgente que a educação "desperte" esse desejo que tem sido adormecido pela ideologia vigente, e que o homem possa perceber o desejo aflorando e o prazer manifestando-se integralmente nas mais variadas situações.

O aluno, seguindo o outro caminho, ou seja, o da dificuldade, não vivencia o prazer no processo de aprendizagem, mas vivencia sim o peso que a assimilação comporta. O aluno está submetido aos mais diversos métodos, e estes lhe dão alter-

nativas para melhor assimilação. Um trabalho dispendioso, que segue a ordem da própria natureza, de forma que o homem vai perdendo energia e recuperando-a de outra forma. Gasta energia física, sacrifica o organismo, mas, por outro lado, ganha energia intelectual com o conhecimento obtido. Rompe, com isso, a passividade diante do estudo ou da própria educação, e assume seu papel de atividade dinâmica, acumulando conhecimentos e vivências. A dificuldade consiste não em se aprender uma realidade no primeiro contato com ela. Consiste, sim, no exercício de memorização, na retomada do contato, na fixação dos elementos percebidos e, por último, na assimilação como resultado dessas etapas vencidas. É o processo de interação do homem com a realidade, e, depois, com a racionalidade que processa o aprendido, propriamente dito. O aprendido é o fim do processo, quando global (sensível e inteligente). Por isso podemos dizer que a educação não pode ser estagnada, mas processo sempre. Ao dizer Sócrates: "só sei que nada sei", constatava suas limitações humanas e ia além, demonstrando grande humildade perante o mundo.

Para se chegar a esse ponto, o homem percorreu um caminho de avanços e retrocessos intelectuais, que é caracterizado pela própria dificuldade de se obter e fixar uma cosmovisão. O que ele assimilou é simplesmente o início de outra etapa, a qual, por sua vez, é início de outra e assim sucessivamente. Daí, podemos concluir que o homem não conhece tudo de tudo. Ou ele conhece pouco de tudo ou tudo do pouco. Na medida em que o aluno é despertado a essa realidade de conhecimento,

ele sente o peso da dificuldade em apreender. Assim, ele percebe que não é tão fácil se ter uma cosmovisão, embora seja possível conhecer os princípios de humanização (entendidos aqui como inteligência, sensibilidade, emotividade, etc.).

Podemos concluir, então, que, para o aluno sentir prazer e exercitar sua inteligência e sua sensibilidade, seu professor deve ser bastante criativo dentro da estrutura escolar. Deve o professor, além de tudo, ser inteligente o suficiente para descobrir os espaços que possibilitem a obtenção do prazer. Em alguns programas, estabelecidos pelo regimento escolar, não estão incluídas as técnicas, nem os métodos são determinados para serem cumpridos dogmaticamente. É, esse, um espaço que o professor pode ocupar com as técnicas da ludicidade, fazendo com que o aluno possa se envolver no desejo de conhecer.

Outra conclusão a que chegamos é que o prazer é para ser vivido pelo homem. Na medida em que isso acontece abre a possibilidade de despertar-lhe o desejo que a educação para o prazer exige e o prazer real se manifestará. Ele, o prazer, será vivenciado desta forma não no resultado mas, também, no processo de aprendizagem. Já definimos prazer como sendo uma satisfação integral e própria, vivida pelo homem. O homem deve estar predisposto, pelo desejo, a vivenciá-lo em outras situações existenciais, fora do recinto escolar. Evidentemente, a educação escolar, estando em consonância com o desejo de apreender sistematicamente, não pode estar desligada do prazer gerado pelo próprio desejo de conhecer. A aprendizagem, organiza-

da na escola, proporciona prazer integral quando efetivada no desejo pelo prazer de se conhecer. Se conhecer é penetrar na realidade, então, o aluno deve ser capaz de fazer esse exercício racional para obter o prazer integralmente.

Podemos, a partir desses dados, elaborar algumas afirmações sobre o homem contemporâneo e dizer que ele está habituado a sentir prazer sem consistência. É uma sensação substituível na medida em que vai surgindo um outro objeto da "moda". O prazer, neste caso, está ligado à "moda". Como esta muda, muda também a possibilidade de se obter prazer. Enquanto isso, o prazer de se ser homem vai paulatinamente sendo esquecido e petrificando-se no passado. É no sentido de recuperá-lo para o homem, através da educação, que Rubem Alves e Émile Chartier (Alain) reclamam-no. Por ser a educação, fundamental para o homem é que ela deve ser utilizada como razão de ser do ensino, tendo sempre em vista a aprendizagem pelo prazer.

Dissemos, acima, que existem dois aspectos: ensino e aprendizagem no relacionamento de cosmovisões. Também afirmamos que o professor possui mais conhecimento científico do que o aluno. E, na relação da cosmovisão do professor com a do aluno, é que acontece a educação, propriamente dita. Esse fato se caracteriza pela apreensão que o aluno faz das informações transmitidas pelo professor. É importante destacar, também, que esse processo deve ser subsidiado pelo desejo do prazer. Se ambos sentirem prazer no ensino-aprendizagem, terão condições de humanizarem-se, porque tornar-se homem é adquirir conhecimento dos limites da própria realidade humana. Em outros

termos, o homem é racional, além de ser possuidor do corpo biológico. A educação proporciona ao homem desenvolver sua potencialidade racional, pois que esta é a única característica que o difere dos outros seres. Cabe ao homem decidir ser ou não ser desenvolvido e intelectualmente conhecedor dos seus limites.

Podemos dizer que um dos ângulos de percepção dos limites humanos é saber sentir prazer real nas ações. Para sabê-lo, o homem deve conhecer o que é prazer real e o que é prazer ideal, e, mais que isso, o que é ideologia (falsa consciência) do prazer. Temos clara consciência de que esse conhecimento só se realiza mediante a educação. Não qualquer tipo de educação, mas uma educação sustentada nas reflexões filosóficas. Tais reflexões, porque buscam a objetividade dos fenômenos, dão clareza de percepção ao homem, e evidenciam as diferenças básicas do prazer em tais análises. Ou seja, da realidade e da idealidade do prazer. Não podemos deixar de mencionar que o professor, juntamente com o aluno, deve fazer experiência do prazer tanto quanto das reflexões filosóficas, para obter a evidência do que seja O prazer e do que seja Um prazer.

Para aclarar um pouco mais essa idéia, podemos tecer comentários sobre o entendimento acerca do prazer e de Um prazer. Entendemos o prazer como sendo aquilo que o aluno pode viver, no processo de aprendizagem, de forma a contribuir com a formação de sua personalidade, e, conseqüentemente, de sua humanidade. Um prazer é aquele ligado à produção e ao consumo e, por conseguinte à utilidade social do próprio aluno. Daí podemos ainda dizer que O prazer é sólido, enquanto que Um prazer é

movediço. Retomando o que foi dito anteriormente, no capítulo I, permitimo-nos aludir que um prazer é ideal. Embora saibamos que o que se anuncia pelos meios de comunicação de massa a serviço de ideologias, possibilita-nos entender Um prazer como sendo O prazer.

Outro ângulo de percepção dos limites humanos é saber sentir prazer após a superação das dificuldades. Esse processo deve ser sustentado por uma educação "séria". O aprendizado não acontece com apreensão fácil mas com muito exercício e, sobretudo, através da superação de etapas. Chegamos, então, após ter estudado esse assunto, à postura de que realmente o processo de aprendizagem é difícil, que o interesse despertado no aluno retira, ou pelo menos diminui o peso da dificuldade. A aprendizagem é consistente quando o aluno se sente envolvido pelo desejo e pelo interesse no conhecimento. Um conhecimento que lhe permita vislumbrar um futuro satisfatório, um conhecimento que lhe possibilite sentir o prazer de possuí-lo desvendando o mundo e a vida. Assim, as dificuldades dão lugar ao prazer de aprender e por conseqüência, a disciplina pessoal para o aluno.

Esses dois ângulos nos permitem fazer uma abordagem sobre o prazer e a dificuldade na aprendizagem, usando o enunciado: a educação que viabiliza a possibilidade de transformação da dificuldade em prazer através do desejo e do interesse é a mais correta, porque, assim sendo, o aluno pode formar sua cosmovisão, sustentada no conhecimento do real, a partir das teorizações elaboradas pelos grandes homens. Ou seja, o

aluno se desenvolve ao adquirir maturidade intelectual na convivência com o professor, e também, com a leitura dos textos produzidos historicamente, que são os textos-base dos programas escolares. O professor, e não a escola, é responsável pela utilização dos textos e dos métodos aplicados na aprendizagem. Por isso, cabe ao professor a tarefa de transformar a dificuldade em prazer para que o aluno seja tomado pelo desejo e pelo interesse do conhecimento.

É importante observarmos que a educação escolar possibilita ao aluno, além de outras coisas, a auto-disciplina, a auto-segurança, a auto-confiança e o auto-conhecimento. As formas pelas quais são trabalhadas educacionalmente as concepções de homem, convergem a um ponto somente: à formação humana socialmente estabelecida. Para isso, o professor deve ser inteligentemente comprometido com a criatividade e com a sensibilidade humana. Uma vez aberto a elas, ele descobrirá os métodos e as técnicas, aproveitando-se do espaço que anteriormente falamos, para integrar o aluno ao seu próprio meio. O desafio está posto.

Pareceu-nos complicadíssima a preocupação com o prazer, primeiro, porque a criança, ao se tornar adulta e iniciar o exercício profissional, vai encontrar um mundo estabelecido para a não vivência do prazer real; segundo, porque a cibernética está desumanizando, por um lado, e humanizando por outro. Por isso propomo-nos discorrer sobre esses aspectos explicando-os detalhadamente, segundo o que podemos perceber. Fazendo isso, nos é possível interpretar a educação para o pra-

zer.

Primeiro ponto: o homem vai encontrar um mundo estabelecido para a não vivência do prazer. Podemos afirmar que a luta pela sobrevivência está acirrada e, por isso, o homem do mundo moderno, de modo geral, não dispõe de condições para a vivência integral do prazer: prazer de ouvir música, de caminhar, de fazer nada, de contemplar os pássaros, as plantas, as crianças, de orar a seus deuses. O corre-corre faz dele um ser insensível, não só com os outros, mas consigo mesmo. Digamos que o mau direcionamento do avanço e do progresso tecnológicos têm uma margem grande de responsabilidade por isto.

No segundo ponto, apresentamos a cibernética desumanizando o homem e ao mesmo tempo humanizando-o. É tão verdade que geralmente ao trabalhar, o homem está agindo como máquina! Aliás, seu organismo segue o ritmo da máquina. Isso significa perda de sensibilidade contemplativa e humana. Nesse sentido, o homem está incorporando a si próprio a condição de máquina. Seu corpo assume uma função, assim como cada parafuso tem a sua função na engrenagem. O homem, então, perde sua humanidade e assume sua maquinidade.

Por outro lado, a cibernética humaniza o homem. Ou seja, os computadores geralmente obtêm resultados mais rápidos e mais precisos que o homem. Sem contar que na descoberta de doenças com suas respectivas curas o computador é frequentemente acionado. Podemos dizer, ainda: o homem, ao inventar (criar) o computador, apresentou sua extrema potencialidade intelectual e criativa. Isso traz benefício para a humanidade.

E a educação não fica fora desse contexto. Ela carrega em seus métodos, suas técnicas e seus conteúdos programáticos a ideologia da sociedade, onde se privilegia a funcionalidade social e, mais especificamente, a utilidade social. Esta utilidade social vai sendo estruturada de forma a não possibilitar ao homem a condição de sentir prazer real, mas prazer ideal. É por isso que o homem se torna insensível e não percebe a importância do tempo-livre. O tempo-livre é um espaço destinado a um descanso, cujo cansaço provém de uma atividade produtiva. Proliferou-se o consumo de aparelhos de televisão, nos últimos anos, graças à necessidade do próprio consumismo. Esses aparelhos são responsáveis diretos, por segurar o homem em casa e fazer dele uma peça no sistema de produção. Forjam-lhes um prazer através de belos programas, belos jogos, belas imagens etc. Esse é o modo pelo qual o homem contemporâneo ocupa o tempo-livre para o descanso.

Faz-se necessário, todavia, recuperar a sensibilidade humana de forma que lhe possibilite experienciar o prazer. Para tanto, é pertinente que no relacionamento educacional o professor use métodos e técnicas apropriadas para apresentar ao aluno algumas maneiras de obter prazer. Tais métodos e tais técnicas devem priorizar as condições necessárias para que o aluno possa saber extrair da seriedade da brincadeira a seriedade da ciência. Em outras palavras, o aluno deve ser capaz de brincar, fazendo ciência. Ou ainda, o aluno deve aprender brincando para que, enquanto adulto, possa trabalhar, produzindo intelectualmente, sabendo obter prazer em seu trabalho e no re-

sultado dele. Assim, na medida em que haja interesse do aluno, ele estará superando as dificuldades do trabalho. Com isso, ele adquire a condição de homem responsável pelos seus próprios atos.

## 2 - Perspectiva para a pedagogia do prazer e para a pedagogia da dificuldade.

O homem do mundo contemporâneo vivencia uma necessidade de prazer substancial que comporta em seu interior a urgência de uma educação, para atendê-lo humanamente. O homem está impregnado de uma dada ideologia e faz uso do argumento da utilidade social. Graças a tal fato, ele carece de prazer real. E por isso, faz-se urgente a criação de uma estrutura educacional, na qual o homem aprenda a usufruir do prazer nas várias situações existenciais. De outra forma, podemos dizer: o homem deve ser educado para viver melhor, ou seja, superar as pressões sociais e gozar a alegria e a paz em seu ser; entender a importância do relacionamento humano e a seriedade da brincadeira; amadurecer suas condições de forma a produzir um relacionamento sadio, conquistando sua personalidade pela obtenção do prazer. Esses três aspectos nortearão nossa reflexão nesse item.

Superar as pressões sociais e gozar a alegria e a paz no seu ser significa, portanto, encontrar a si mesmo. O homem está posto em uma realidade que, de forma geral, condiciona suas ações. Tal condicionamento pode ser modificado, na

medida em que a inter-relação de cosmovisões provoque a possibilidade de prazer. Para que isso se efetive, faz-se necessário a presença de pessoas que queiram crescer e, mais ainda, que estejam comprometidas com as possíveis conseqüências desse fato. Conseqüências que podem ser classificadas de duas maneiras: primeira, a que vai levar o homem a uma situação de prazer por libertar-se; segundo, a que vai levar o homem a uma situação de prazer alienando-se mentalmente, cada vez mais. Este risco deve-se correr. Sabemos que a comodidade é mais atraente do que a novidade. Daí a dificuldade da implantação das mudanças. O conservadorismo reina no poder. E o poder tende a dominar tanto a sociedade como um todo, quanto o homem particular integrado nela.

Em se tratando de educação, devemos colocar as duas posturas citadas: dificuldades e prazer, na perspectiva humana, para extrairmos suas vantagens e suas desvantagens para o homem. No primeiro caso, o ser humaniza-se quando consolida em sua vida o prazer. Não importa a localização cronológica dele, se durante o processo do aprendizado ou se no aprendizado propriamente dito. É necessário que isto seja viabilizado pela estrutura educacional. No lugar de uma escola que se preocupa com o utilitarismo social, deve-se criar uma escola que privilegie a auto-confiança, e auto-disciplina, o auto-conhecimento, de forma que o aluno de hoje possa ser amanhã um homem sabedor da importância do prazer para si e para os outros. Na base da existência humana está o prazer real, e não o prazer ideal. E essa deve ser a grande preocupação dos governantes, dos respon-

sáveis diretos pela organização das escolas, dos educadores e de todos aqueles que têm contatos com as crianças.

No segundo caso, as desvantagens desse fato são características, olhando com os olhos dos detentores do capital. O aluno que não produz, ou que ainda esteja sendo preparado para tal, é uma ameaça ao poder porque pode entender a ideologia intrínseca à dominação. E isso não deve acontecer, segundo a elite do poder, pois provocaria um acirramento maior dos conflitos já existentes.

No confronto das vantagens com as desvantagens podemos concluir que é indispensável a urgência do prazer real para o homem. Não basta despertar os alunos a um prazer que não possua substância para o seu cotidiano. É imprescindível que o homem sinta seus impulsos humanos aflorarem do desejo mais íntimo: o do prazer em viver. Uma vez manifestados, eles têm maior possibilidade de serem satisfeitos, graças à educação para o prazer, com a qual se prioriza a vivência e a experiência do conhecimento obtido no prazer. O conhecimento lapidado pelo prazer é um conhecimento substancial e gerador de novos prazeres. A educação escolar, quando direcionada ao prazer do conhecimento, é elaborada pelo desejo e, graças a isso, torna-se promotora do prazer real. Se o professor é, conforme dissemos anteriormente, inteligente e criativo para descobrir os espaços vazios nos programas e nos métodos, então, caracteriza-se a manifestação da possibilidade do prazer real para o homem.

Na medida em que o homem conseguir libertar-se das amarras ideológicas do consumo e da utilidade social, ele

poderá estar em contato consigo mesmo e ter "posse" de sua personalidade. Conseqüentemente, seus desejos, em função do prazer, também estarão libertos. O homem deve ser educado (ou reeducado) de forma que as suas reflexões sejam incisivas para seu crescimento integral. A educação escolar pode contribuir bastante neste sentido, desde que organizada com fins de obtenção do prazer real.

A escola, ao ser organizada para o prazer, proporciona ao aluno nela inserido entender a importância do relacionamento e a seriedade da brincadeira. O relacionamento é visto normalmente por dois ângulos: um, que privilegia a sabedoria do professor em detrimento do aluno; outro, que privilegia a possibilidade de aprendizagem do aluno, da qual o professor é apenas o estimulador. Nós percebemos um outro ainda, aquele que não privilegia nem o professor nem o aluno no processo de aprendizagem, mas o prazer como sustentáculo do relacionamento humano. Nesse último modelo o aprendizado é consequência do contato entre professor e aluno no recinto escolar, onde há a inter-relação de cosmovisões. O prazer, propriamente dito, é evidenciado de forma que não haja privilégios e nem exclusões. Pelo contrário, é procedendo assim que se pode ter desenvolvimento intelectual tanto para um quanto para outro.

O desenvolvimento intelectual oferece condições para o aluno ascender do saber vulgar ao saber sistematizado. Caracteriza-se tal fato na percepção da seriedade que a brincadeira comporta. A seriedade é observada sob dois aspectos: aquele em que a seriedade obstrui o prazer na brincadeira e

aquele que prioriza a brincadeira e a absorção do tempo nela empregado. Fazendo parte do primeiro, estão as pessoas adultas, enquanto que, no segundo, estão aqueles que possuem um espírito de criança: saboreiam os prazeres da própria vida. Nesse segundo aspecto, quem brinca sabe que está brincando, e a brincadeira encarada seriamente determina as regras e as leis do ato de brincar. É a brincadeira, por ela própria, manifestando-se. Terminada a ação de brincar, termina a seriedade e permanece o prazer de se ter brincado. Portanto, a seriedade da brincadeira consiste em estar o homem disposto a vivenciá-la e assumi-la humanamente.

A educação escolar, quando preocupada com o prazer, não somente como resultado, mas como processo, pode possibilitar o amadurecimento intelectual e humano. O aluno deve viver intensamente as dimensões racionais, porque, inserido nesse panorama organizado educacionalmente, poderá estender sua potencialidade sensivelmente e produzir formas para obter prazeres. Mas, para isso acontecer, é necessário que a escola seja promotora destas condições. Daí a seriedade pelo prazer ser um ponto de importância capital na vivência cotidiana do aluno.

Podemos concluir que a discussão feita ao longo destas páginas, levou-nos à seguinte postura: a educação para o prazer não deve estar centrada na escola e tampouco no professor, mas direcionada ao aluno. Isso porque é o aluno que amanhã vai assumir as funções sociais existentes. Devemo-nos preocupar em formar homens que saibam viver socialmente as possibilidades de prazer. A escola, por ser o local onde o aluno se desenvolve

intelectual e afetivamente, tem sua tarefa a cumprir, por isso ela deve ser repensada em função do prazer. O professor, trabalhando, exerce uma tarefa de divulgador dos valores construídos humanamente. Esses valores são, na escola, transmitidos ao aluno, de forma que estes sejam prolongadores da humanidade. O aluno, no processo educacional, é uma das grandes preocupações dos pesquisadores da educação. É a existência dele nesse ínterim que causa grandes polêmicas. Por isso, tantas pesquisas a respeito do aluno e seu respectivo desenvolvimento são feitas hoje.

É importante também observarmos a necessidade de o homem se construir socialmente. Para acontecer tal evento é imprescindível que ele saiba entender e eliminar o individualismo, o consumismo e a utilidade social exacerbados. Em uma sociedade onde se privilegia o individualismo e o egocentrismo, há mínimo lugar para prática do prazer real. Este é o nosso desafio: criar possibilidade para sua "praxis". Aqui, a "praxis" está sendo entendida como interação da teoria, da idéia com o real, com o concreto, criando, assim, um mecanismo para o homem ser feliz e desfrutar, com júbilo de sua própria existência. O homem, sendo capaz de entender a realidade que o cerca, é capaz, também, de observar a possibilidade da "praxis" humana do prazer. Isso feito, é o primeiro passo para a transposição do egocentrismo.

A consequência advinda desse fato está vinculada à possibilidade de o homem ter consciência dos seus limites. Significa, pois, capacidade de arrancar as raízes da alienação

através da razão, e ficar cômescio do seu papel como homem de sentimentos, desejos e razão. O empecilho para a "praxis" do prazer é justamente a alienação a que o aluno é submetido no processo educacional. O homem, geralmente, percebe aquilo que lhe ensinam a perceber. Raras as exceções que lhe proporcionam uma cosmovisão mais ampla e autêntica. Por isso, apresentamos como urgência a necessidade de "despertar" ou excitar a sensibilidade racional tanto quanto a sensitiva. O homem sensível racionalmente é um ser que consegue entender a ideologia e perceber os fluxos da alienação.

O homem que consegue se desenvolver e obter um raciocínio aguçado conhece o mundo e a si mesmo. Geralmente, por isso, seus órgãos dos sentidos são evoluídos. A globalidade de percepção de mundo e de si mesmo, a versatilidade de sua linguagem possibilitam-lhe a obtenção do prazer em situações variadas.

O homem, tendo desenvolvido a sua sensibilidade racional, pode obter prazer substancial. Tal prazer consiste em sensações que vão do individual ao coletivo. É o caso do prazer manifestado no amor. Ama-se realmente quando se é capaz de ir ao encontro do outro, considerando-o integralmente como homem. Não se ama uma coisa, mas um outro ser igual em características. Pois é pelo amor à outra pessoa que se cultiva o amor pelo prazer de amar. Esse é um dos aspectos importantes da aprendizagem. É prazeroso sentir prazer em amar o outro. Deve-se desenvolver, pela educação escolar, essa face do homem. Em outros termos, o homem deve ser capaz de amar por prazer e sentir pra-

zer pelo fato de amar.

O homem deve aprender, pela educação, a cultivar sua intelectualidade, tanto quanto o amor. A única diferença existente entre essas duas faces do humano é que o amor é intuitivo e a intelectualidade é eminentemente racional. Por ser racional, o homem está diretamente ligado à evolução da aprendizagem. Na medida em que evolui o conhecimento, evolui, por consequência, a cosmovisão. Em decorrência disto, a linguagem, e, com ela, a variabilidade do prazer vão sendo viáveis.

Outro ponto importantíssimo para a obtenção do prazer é o desejo. Este é realmente o aspecto que fundamentou toda a discussão travada até agora. O desejo cultivado significa prazer sólido. Isso porque o prazer é a realização do desejo; é o clímax que o desejo atinge no corpo. Seja ele biológico, intelectual ou, ainda, cognoscitivamente estabelecido.

O prazer, tanto quanto a dificuldade na aprendizagem, deve estar sustentado na racionalidade humana. O cuidado que deve ser tomado refere-se ao perigo do individualismo. A humanidade deve expressar realmente o homem e todos os homens nela inseridos. Por isso aludimos à necessidade de se educar para o prazer e para a sensibilidade humana. O homem só se torna verdadeiramente humano quando vê e sabe ver bem a possibilidade de prazer não somente para si, mas, principalmente, para o outro.

## - BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALAIN (Émile Chartier) Reflexões sobre a Educação. Trad. de Maria Elisa Mascarenhas. SP, Saraiva, 1978.
- ----- Propos Sur L'éducation. Presses Universitaires de France, 1972.
- ALVES, Rubem Azevedo. Conversas Com Quem Gosta de Ensinar. 12a. ed. SP, Cortez/Autores Associados, 1985.
- ----- A Gestação do Futuro. Trad. João Francisco Duarte Júnior. Campinas, SP, Papyrus, 1986.
- ----- A Montanha Encantada dos Gansos Selvagens SP, Paulinas, 1987.
- ----- Como Nasceu a Alegria. SP, Paulinas, 1987.
- ----- Os Morangos. SP, Paulinas, 1987.
- ----- O Patinho que não Aprendeu a Voar. SP, Paulinas, 1987.
- ----- O Medo da Sementinha. SP, Paulinas, 1987.
- ----- A Operação de Lili. SP, Paulinas, 1987.
- ----- "O Corpo e as Palavras" In Conversando Sobre o Corpo. Campinas-SP, Papyrus, 1985.
- ----- Estórias de Quem Gosta de Ensinar. 5a. Ed. SP. Cortez/Autores Associados, 1985.
- ----- Protestantismo e Repressão. 2a. Ed. SP, Ática, 1982.
- ----- Variações Sobre a Vida e a Morte. SP, Paulinas, 1982.
- ----- O Enigma da Religião. 3a. Ed. Campinas-SP, Papyrus, 1987.
- ----- Filosofia da Ciência: Introdução ao Jogo e Suas Regras. 6a. Ed. SP, Brasiliense, 1985.
- ----- Da Esperança. Trad. João Francisco Duarte Júnior. Campinas-SP, Papyrus, 1987.
- ----- Suspiro dos Oprimidos. SP, Paulinas, 1984.

## - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ABREU, Maria Celia de. O Professor Universitário em Aula: Prática e Princípios teóricos. 4a. Ed. SP, Associados, 1985.
- BUBER, Martin. Eu e Tu. Trad. de Newton Aquiles Von Zuben. SP, Cortez e Moraes, 1979.
- CATANI, Denise Bárbara (org.). Universidade, Escola e Formação de Professores. SP, Brasiliense, 1986.
- CHATEAU, Jean. Os Grandes Pedagogistas. Trad. de Luis Damasco Penna e J.B. Damasco Penna. SP, Nacional, 1978.
- CUNHA, Luiz Antonio. Educação e Desenvolvimento Social no Brasil. 7a. Ed. RJ, Francisco Alves, 1980.
- CASSIRER, Ernest. Antropologia Filosófica: Ensaio sobre o Homem. Introdução a Uma Filosofia da Cultura Humana. Trad. Dr. Vicente Felix de Queiroz. 2a. Ed. SP, Mestre Jou, 1977.
- ECO, Umberto. Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas. Trad. Ana Falcão Bastos e Luis Leitão. 4a. Ed. Lisboa, Presnça, 1988.
- FREITAG, Bárbara. Escola, Estado e Sociedade. 4a. Ed. SP, Moraes, 1980 (c. Educação Universitária).

- FREIRE, Paulo. Ação Cultural Para a Liberdade e Outros Escritos 6a. Ed. RJ, Paz e Terra, 1982.
- ----- Educação e Mudança. 7a. Ed. RJ, Paz e Terra, 1983.
- ----- Pedagogia do Oprimido. 14a. Ed. RJ, Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo & FREI BETO. Essa Escola Chamada Vida: Depoimentos ao Repórter Ricardo Kotocho. SP, Ática, 1985.
- FREIRE, Roberto. Sem Iesão não há Solução. 5a. Ed. RJ, Guanabara 1987.
- FERKISS, Victor. O Homem Tecnológico: Mito e Realidade. Trad. de Marco Aurélio de Moura Matos. 2a. Ed. RJ, Zahar, 1976.
- FROMM, Erich. Ier ou Ser?. Trad. de Nathanael Caixeiro. 4a. Ed. RJ, Guanabara, 1976.
- ----- Análise do Homem. SP, Círculo do Livro, s/d.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Educar Para Quê? Contra o Autoritarismo da Relação Pedagógica na Escola. Goiânia, Ed. UCG/Uberlândia: Ed. UFU, 1986.
- GADOTTI, Moacir. Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do Conflito. 5a. Ed. SP, Cortez/Autores Associados, 1984.
- ----- Comunicação Docente. 3a. Ed. SP, Loyola, s/d.
- ----- Concepção Dialética da Educação: Um Estudo Introdutório. 6a. Ed. SP, Cortez/Autores Associados, 1988.
- GILES, Thomas Ransons. Filosofia da Educação. SP, EPU, 1983.
- GUTIERREZ, Francisco. Linguagem Total: Uma Pedagogia dos Meios de Comunicação. Trad. de Wladimir Soares. SP, Sumus, 1978, (col. Novas Buscas em Educação no.1)
- GUSDORF, Georges, Professores Para Quê? Para uma Pedagogia da Pedagogia. Trad. de João Benard da Costa e Antonio Ramos Rosa. 4a. Ed. Lisboa-Portugal, Moraes Editores, 1978.
- HESSEN, Joannes. Filosofia dos Valores. Trad. de Prof. L. Cabral de Moncada. 5a. Ed. Coimbra, Armênio Amado, Editor, Sucessor, 1980.
- HOWE, Michael. J.A. Introdução à Psicologia da Aprendizagem. Trad. de Mônica Simonsen Couto e Lucilia Maria P de Oliveira, SP, Vértice, 1986.
- KUJAWSKI, Gilberto de Melo. A Crise do Século XX. SP. Ática, 1988.
- KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. Trad. de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2a. Ed. RJ, Paz e Terra, 1976.
- LEPARGNEUR, Hubert. Antropologia do Prazer. Campinas-SP, Papyrus, 1985.
- LOWEM, Alexandre. Prazer: Uma Abordagem Criativa da Vida. 3a. Ed. SP, Summus, 1984.
- LUZURIAGA, Lorenzo. História da Educação e da Pedagogia. Trad. de Luis Damasco Penna e J.B.D. Penna. 12a. Ed. SP, Nacional, 1980.
- MARCELINO, Nielson Carvalho. Lazer e Educação. Campinas-SP Papyrus, 1987.
- MORAIS, Regis de (org.). Sala de Aula. Que Espaço é esse?. 2a. Ed. Campinas-SP, Papyrus, 1986.
- ----- O que é ensinar?. SP, EPU, 1986.
- ROSSEAU, J. Jacques. Emílio ou da Educação. Trad. de Sérgio Miliet. 3a. Ed. SP/RJ, Difel, 1979.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil (1930/1973). 8a. Ed. Petrópolis, 1986.

- REBOUL, Olivier. Filosofia da Educação. Trad. de Luis Damasco Penna e J.B.D. Penna. 6a. Ed. SP, Nacional, 1985.
- ----- A Doutrinação. Trad. de Equipe da CEN. SP, Nacional/Edusp, 1980.
- RUDIO, Franz Victor. Orientação Não-Diretiva na Educação, no Aconselhamento e na Psicoterapia. 2a. Ed. Petrópolis-RJ, Vozes, 1975.
- SAVIANI, Demerval. Educação do Senso Comum à Consciência Filosófica. 7a. Ed. SP. Cortez/Autores Associados, 1986.
- ----- Escola e Democracia. 19a. Ed. SP, Cortez/Autores Associados, 1987.
- SCHAFF, Adam. História e Verdade. Trad. de Maria Paula Duarte. 2a. Ed. SP, Martins Fontes, 1983.
- SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. Pedagogia Dialética de Aristóteles à Paulo Freire. Trad. de Wolfgang Leo Maar. 2a. Ed. SP, Brasiliense, 1988.
- SNYDERS, Georges. Para Onde Vão as Pedagogias Não-Diretivas?. Trad. de Ruth Delgado. Lisboa, 1974.
- VALLE, Basave Del. Filosofia do Homem. Trad. de Hugo di Primo. SP, Convívio 1975.